

EQUIPES DE NOSSA SENHORA – ENS

Equipe Responsável Internacional - ERI

Equipe Satélite de Formação Cristã

CURSO/ALBERGUE DE LITURGIA

**ALGUNS DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II
E DO MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO SOBRE A LITURGIA E A EUCARISTIA**

CIC	Catecismo da Igreja Católica
DC	Carta Apostólica <i>Dominicae Cena</i> sobre o Mistério e o Culto da Santíssima Eucaristia
DD	Carta Apostólica <i>Dies Domini</i> sobre a Santificação do Domingo
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i> sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja
EE	Carta Encíclica <i>Ecclesia de Eucharistia</i> sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja
EM	Instrução <i>Eucharisticum Mysterium</i> sobre o Culto do Mistério Eucarístico
GE	Declaração <i>Gravissimum Educationis</i> sobre a Educação Cristã
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i> sobre a Igreja no Mundo de Hoje
I O	Instrução <i>Inter Oecumenici</i> para executar retamente a Constituição Conciliar da Sagrada Liturgia
IC	Instrução <i>Immensae Caritatis</i> para facilitar a comunhão sacramental
ID	Instrução <i>Inaestimabile Donum</i> sobre algumas normas relativas ao culto da Santíssima Eucaristia
IGMR	Instrução Geral sobre o Missal Romano
LI	Terceira Instrução <i>Liturgicae Instaurationes</i> para a exata aplicação da Constituição Conciliar sobre a Liturgia
MD	Instrução <i>Memoriale Domini</i> sobre o modo de distribuir a comunhão
MF	Carta Encíclica <i>Mysterium Fidei</i> sobre o Culto da Sagrada Eucaristia
MND	Carta Apostólica <i>Mane Nobiscum Domine</i> para o Ano da Eucaristia (outubro de 2004 a outubro de 2005)
RS	Instrução <i>Redemptionis Sacramentum</i> sobre algumas coisas que devem ser observadas e evitadas a respeito da Santíssima Eucaristia
SC	Constituição Dogmática <i>Sacrosanctum Concilium</i> sobre a Sagrada Liturgia
SaCo	Instrução <i>Sacramentali Communionem</i> sobre a mais faculdade de poder administrar a Sagrada Comunhão sob as duas espécies
SM	Carta <i>Sacerdotium Ministeriale</i> aos Bispos da Igreja Católica sobre algumas questões concernentes ao Ministro da Eucaristia
TAA	Segunda Instrução <i>Tres Abhinc Annos</i> para a exata aplicação da Constituição Conciliar sobre a Liturgia

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO GERAL	4
MESA 1	A NATUREZA DA LITURGIA	7
	1.1- O que é liturgia?	8
	1.2- O que é celebrar o Mistério Pascal?	9
	1.3- Tempo Litúrgico	12
MESA 2	OS ATORES DA LITURGIA.....	18
	2.1- Cristo e a Igreja: atores da liturgia	18
	2.2- A participação dos fiéis na liturgia	22
MESA 3	DIÁLOGO ENTRE DEUS E SEU POVO	26
	3.1- A Palavra de Deus na liturgia	27
	3.2- A resposta da Igreja: rezar a liturgia	30
	3.3- A resposta da Igreja: o canto litúrgico	32
	3.4- Respeito às normas litúrgicas	36
MESA 4	A CELEBRAÇÃO	40
	4.1- Elementos da celebração	41
	4.2- O espaço celebrativo	43
MESA 5	A COMUNICAÇÃO NA LITURGIA	45
	5.1- A linguagem litúrgica	46
	5.2- Vestes litúrgicas	48
	5.3- Objetos litúrgicos	53
MESA 6	INCULTURAÇÃO DA LITURGIA	63
MESA 7	ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA	68
MESA 8	A MISSA PARTE POR PARTE	70
	8.1- O que é a Missa?	70
	8.2- A divisão da Missa	72
	BIBLIOGRAFIA UTILIZADA E CITADA	86

CURSO/ALBERGUE DE LITURGIA

INTRODUÇÃO GERAL

A formação litúrgica dos fiéis é um dos objetivos permanentes da renovação litúrgica pós-conciliar (Concílio Vaticano II), enquanto fundamento de toda a vida espiritual, e que implica, além do conhecimento, a experiência plena da vida cristã.

Com efeito, a Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* (SC) sobre a Sagrada Liturgia, promulgada em 4 de dezembro de 1963 pelo papa Paulo VI, propõe uma renovação litúrgica postulada pelo Concílio Vaticano II, assinalando a formação como uma exigência necessária à obtenção de um espírito novo e de uma prática celebrativa que alimente a vida dos fiéis.

Esta Constituição, mais do que expor os princípios que devem guiar a reforma da liturgia e suas modalidades concretas, aborda a natureza litúrgica dessa reforma e, sobretudo, insiste em seis artigos (nº 14 a 19) sobre a necessidade primordial de oferecer uma sólida formação litúrgica ao clero e a todos os fiéis.

Portanto, a formação litúrgica não é monopólio de alguns privilegiados (clérigos e religiosos), mas deve estender-se a todos os batizados, para que compreendam o sentido de sua fé e amadureçam em seu compromisso de vida cristã.

A Declaração *Gravissimum Educationis* (GE) sobre a Educação Cristã afirma que a formação litúrgica é um componente fundamental da formação da pessoa cristã.¹

“Todos os cristãos que, pela regeneração da água e do Espírito Santo, são uma nova criatura e se chamam filhos de Deus têm direito a uma educação cristã. Essa educação não pretende tão-somente o amadurecimento da pessoa humana, mas também que os batizados sejam introduzidos no conhecimento do mistério da salvação; que aprendam a adorar a Deus Pai em espírito e verdade (cf. Jo 4,23), sobretudo na ação litúrgica, e vivam segundo o ser humano novo na justiça e na santidade da verdade (Ef. 4, 22-24)”.

Neste contexto, a liturgia é mestra e escola de vida para quem aspira a realizar a expressão de São Paulo: “Já não sou eu quem vive, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

Como bem salienta o Catecismo da Igreja Católica (CIC, 1074),

¹ Papa Paulo VI. **Declaração Gravissimum Educationis**, nº 2. Roma, 28 de Outubro de 1965.

“A liturgia é o ápice para o qual se encaminha a ação da Igreja, e ao mesmo tempo é a fonte donde emana toda a sua força”.² Ela é, portanto, o lugar privilegiado da catequese do povo de Deus. “A catequese está intrinsecamente ligada a toda a ação litúrgica e sacramental, pois é nos sacramentos e, sobretudo na Eucaristia, que Cristo Jesus age em plenitude para a transformação dos homens”.

É importante lembrar que o pontificado dos últimos papas (João Paulo II, Bento XVI e Francisco) registram uma solicitude e uma preocupação constantes pela renovação litúrgica na linha traçada pelo Concílio Vaticano II, conduzindo a Igreja e todos os fiéis para uma compreensão e participação cada vez mais profunda da obra da salvação na liturgia.

Na verdade, a prática litúrgica destes pontificados evidenciam algumas linhas fundamentais da reforma litúrgica pós-conciliar, como o valor supremo da Palavra de Deus, a participação ativa dos fiéis, a consciência da unidade e universalidade da Igreja.

A promoção de uma educação litúrgica dos cristãos foi um veemente convite de João Paulo II e de Bento XVI, quando diziam que neste campo há muito por ser feito, tanto para ajudar os sacerdotes e os fiéis a compreenderem o sentido dos ritos e dos textos litúrgicos, como para aperfeiçoar a dignidade e a beleza das celebrações e dos locais, e para promover uma “catequese mistagógica”³ dos sacramentos, como sempre foi acentuado pelos Padres da Igreja. Formar para a liturgia significa consentir a entrada no mistério cristão. A liturgia não é tanto uma doutrina a compreender, mas uma fonte de luz e de vida para a inteligência e a experiência do mistério.

Por isso, este curso está dividido em torno de 8 (oito) eixos temáticos, onde se destaca que a liturgia é a Igreja em oração. Ao celebrar o culto divino, a Igreja exprime aquilo que é: una, santa, católica e apostólica. E porque é o “sacramento de unidade”, as ações litúrgicas pertencem a todo o corpo da Igreja. Por isso, João Paulo II reconheceu que “na liturgia o Mistério da Igreja é verdadeiramente anunciado, saboreado e vivido”.

Os eixos temáticos deste Curso são os seguintes:

- 1) A natureza da liturgia
- 2) Os atores da liturgia

² SC 10.

³ Tudo o que o cristão precisa saber para inserir-se no mistério da revelação divina.

- 3) Diálogo entre Deus e seu povo
- 4) A celebração
- 5) A comunicação na liturgia
- 6) A inculturação da liturgia
- 7) Espiritualidade litúrgica
- 8) Missa parte por parte

Portanto, neste curso vamos ver que a liturgia é a celebração do Mistério Pascal de Cristo. Em volta deste núcleo fundamental da nossa fé, celebramos no Ano ou no Tempo Litúrgico a memória do Ressuscitado na vida de cada pessoa e de cada comunidade.

O Ano Litúrgico nos propõe, assim, um caminho espiritual, ou seja, a vivência da graça própria de cada aspecto do mistério de Cristo, presente e operante nas diversas festas e nos diversos tempos litúrgicos. Por intermédio dele, os fiéis fazem a experiência de se configurar ao seu Senhor e dele aprenderem a viver “os seus sentimentos” (cf. Fl 2,5).

MESA 1 – A NATUREZA DA LITURGIA

Iniciaremos, a partir desta Mesa, um pequeno estudo sobre a liturgia. Mas, por que estudar a liturgia? Há mais de cinquenta anos, com a publicação da Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* (SC), muito já se falou, escreveu e estudou sobre a liturgia.⁴ Será que ainda há o que se aprender? É simples. Quanto mais falamos sobre a liturgia, mais nos apaixonamos por ela e mais desejamos conhecê-la. Quanto mais se conhece, mais se ama, e quanto mais se ama, mais se serve.

Eis aí um bom motivo para estudá-la. A nossa missão como cristãos é esta: **SERVIR**. Servir a Cristo presente no irmão, e servir à Igreja, esposa diletta de Cristo.

A liturgia, enquanto celebração do Mistério Pascal de Cristo e memória da história de nossa salvação, é a vida da Igreja, ou seja, ação da Igreja, comunidade de fé reunida em assembleia em nome de Jesus Cristo (SC, 26). Mas, de acordo com o Catecismo da Igreja Católica, “a liturgia não esgota toda a ação da Igreja: ela tem de ser precedida pela evangelização, pela fé e pela conversão”. Somente então ela pode produzir os seus frutos na vida dos fiéis, ou seja, a vida nova segundo o Espírito, o compromisso com a missão da Igreja e o serviço da sua unidade (CIC, 1072).

Por meio da liturgia, portanto, nós vemos e nos encontramos com Cristo ressuscitado, razão única da nossa existência. Nela, o Espírito Santo de Deus nos reúne e nos convida a mergulhar no Mistério Pascal de Nosso Senhor Jesus Cristo para prestar um culto de louvor a Deus, nosso Pai. É nela que encontramos a força necessária para que “nos tornemos em Cristo um sacrifício vivo” que seja agradável ao Pai.⁵

Quando falamos de liturgia, temos presente:

- A Missa ou Celebração Eucarística;
- A Celebração dos Sacramentos (batismo, crisma, eucaristia, penitência, unção dos enfermos, ordenação, matrimônio);
- A Celebração dos Sacramentais (bênçãos, encomendação dos mortos...);

⁴ A Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* (SC), promulgada em 4 de dezembro de 1963 pelo papa Paulo VI, é e será ainda por muito tempo o primeiro e principal documento de referência para a nossa liturgia.

⁵ Oração Eucarística IV.

- A Celebração da Palavra ou Culto;
- A Liturgia das Horas;
- O Ano Litúrgico.

1.1- O que é liturgia?

Começemos o nosso estudo, pois, refletindo sobre o significado da palavra liturgia.

A palavra tem origem no grego *leitourgia*, que servia para descrever alguém que fazia serviço público (“obra pública”) ou liderava uma cerimônia sagrada (“serviço da parte de/e em favor do povo”).⁶ É assim definida por ALDAZÁBEL:⁷

“Vem do grego “*leitourgia*” que por sua vez é composta das palavras *leitos* (popular, do povo) e *ergon* (ação, obra, trabalho). Portanto, referia-se, já desde o seu uso grego, a uma ação, a um trabalho, que não visa à utilidade privada, mas à da comunidade, tanto no terreno social, como no religioso”.

Na tradução grega do Antigo Testamento, a palavra "liturgia" significa serviço religioso prestado em favor do povo, dirigido a Deus; algo sagrado, serviço cultural do Templo. O Catecismo da Igreja Católica (CIC, 1070) afirma que, no Novo testamento,

“A palavra ‘liturgia’ é empregada para designar não somente a celebração do culto divino, mas também o anúncio do Evangelho e a caridade em ato. Em todas estas situações, trata-se do serviço de Deus e dos homens. Na celebração litúrgica, a Igreja é serva, à imagem do seu Senhor, o único ‘*Liturgo*’, participando no seu sacerdócio (culto) profético (anúncio) e real (serviço da caridade)”.

Devemos então pensar a liturgia como um “serviço prestado” ao outro, ao irmão, à comunidade. É uma ação de todos os batizados que glorificam a Deus e por Deus são santificados por meio da liturgia. Ação dos que sabem imitar o seu Senhor e se colocar como aquele que serve, que ama e que é capaz de doar a sua vida para a salvação dos demais.

Na liturgia da Igreja, afirma o Catecismo da Igreja Católica (CIC, 1082),

“A bênção divina é plenamente revelada e comunicada, onde o Pai é reconhecido e adorado como a fonte e o fim de todas as bênçãos da criação e da salvação; no seu Verbo, encarnado, morto e ressuscitado por nós, ele nos cumula com suas bênçãos, e

⁶ Apesar de a palavra liturgia ser usada na Antiguidade, só depois dos séculos VIII e IX passou a ser usada no contexto da Eucaristia na Igreja grega. O termo passou a fazer parte da Igreja Católica bastante mais tarde, por volta do século XVI.

⁷ ALDAZÁBEL, José. **Vocabulário Básico de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 207.

através dele derrama em nossos corações o dom que contém todos os dons: o Espírito Santo”.

A partir daí é que se pode compreender a dupla dimensão da liturgia cristã como resposta de fé e de amor às bênçãos espirituais com as quais o Pai nos cumula (CIC, 1082):

- **Por um lado**, a Igreja, unida a seu Senhor e sob a ação do Espírito Santo, bendiz o Pai pelo seu dom inefável através da adoração, do louvor e da ação de graças;
- **Por outro lado**, e até à consumação do projeto de Deus, a Igreja não cessa de oferecer ao Pai a oferenda dos seus próprios dons e de implorar que Ele envie o Espírito Santo sobre a oferta, sobre si mesma, sobre os fiéis e sobre o mundo inteiro, a fim de que pela comunhão com a morte e ressurreição de Cristo-Sacerdote e pelo poder do Espírito, estas bênçãos divinas produzam frutos de vida para louvor e glória de sua graça.

Cabe-nos, para realizar a missão que nos é confiada, estarmos sempre abertos à ação de Deus, conscientes de que, pelo Batismo, nos tornamos membros de uma comunidade de fé: **a Igreja**. Somos, portanto, convidados a viver a nossa fé comunitariamente, conscientes de que “a Liturgia é o cume para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força.” (SC, 10)

Somos, portanto, chamados por meio da liturgia a prestar um “culto agradável a Deus”, participando de modo íntimo do mistério pascal de nosso Senhor Jesus Cristo. Participação que exige envolvimento, conhecimento do mistério celebrado e, acima de tudo, compromisso com o mistério celebrado.

1.2- O que é celebrar o Mistério Pascal?

Segundo o dicionário, “**celebrar**” deriva do adjetivo latino *celeber*, que exprime a ideia de um lugar frequentado por uma numerosa multidão reunida para uma festa. E o verbo “**celebrar**” tem uma conotação de “**frequentar**”, apresentando um cunho festivo, ritual e comunitário na ação. O substantivo “**celebração**” designa a ação de

celebrar, de cumprir, realizar solenemente em particular as cerimônias do culto. Por extensão, é sinônimo de “glorificar, louvar, exaltar, festejar”.⁸

No nosso cotidiano, celebramos festas de casamentos, aniversários, batizados, etc. Celebrar tem, pois, uma conotação festiva, ritual e comunitária na ação. Celebramos com palavras, ações, gestos, mente e corpo; enfim, com a vida.

O ato de celebrar implica alguns elementos importantes:

- Celebrar é um ato público (reunião de pessoas).
- Celebrar supõe que haja momentos especiais, momentos privilegiados.
- Celebrar requer motivação.
- Celebrar depende de ritos.
- Celebrar requer tempo.

Todos esses dados, a saber: ato público, momentos especiais, motivação, ritos, espaço e tempo se aplicam a todo tipo de celebração litúrgica.

Celebrar o Mistério Pascal é experimentar com todo o nosso ser a paixão, morte e ressurreição de Cristo, convictos sempre da proclamação que fazemos durante a celebração da Santa Missa: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte, e proclamamos a vossa ressurreição”.

Cristo Ressuscitado está presente na Liturgia. A *Sacrosanctum Concilium* nos assegura a presença Dele em Sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. Não O vemos, mas, O provamos e comprovamos com o olhar da fé. E, com a fé, O vemos; na fé, O comungamos; pela fé, O ouvimos (SC, 7).

É fundamental compreender que na liturgia da Igreja, Cristo significa e realiza o seu mistério pascal. O Catecismo da Igreja Católica assim sintetiza a compreensão que devemos ter sobre a obra de Cristo na liturgia (CIC, 1085):

“Durante sua vida terrestre, Jesus anunciava seu Mistério pascal por seu ensinamento e o antecipava por seus atos. Quando chegou sua hora, viveu o único evento da história que não passa: Jesus morre, é sepultado, ressuscita dentre os mortos e está sentado à direita do Pai ‘uma vez por todas’. É um evento real, acontecido em nossa história, mas é único: todos os outros eventos da história acontecem uma vez e depois passam, engolidos pelo passado. O Mistério pascal de Cristo, ao contrário, não pode ficar somente no passado, já que por sua morte destruiu a morte, e tudo o que Cristo

⁸ CELAM. **Manual de Liturgia I: A celebração do Mistério Pascal - introdução à celebração litúrgica**. São Paulo: Paulus, 2004, 2ª edição, 2007, p. 63-64.

é, fez e sofreu por todos os homens participa da eternidade divina, e por isso abraça todos os tempos e nele se mantém presente. O evento da cruz e da ressurreição permanece e atrai tudo para a vida”.

O Cristo está presente na liturgia na pessoa daquele(a) que, em seu nome, proclama as leituras, em assembleia. Por ele(a) é o próprio Cristo quem fala. Que responsabilidade! A voz do leitor se torna a voz de Deus.

Cristo está presente na liturgia na pessoa do ministro ordenado “pois aquele que agora oferece pelo ministério do sacerdote é o mesmo que outrora se ofereceu na cruz.” Sim, a ação é do sacerdote, mas a autoridade em dizê-la e fazê-la não tem origem em si, recebeu-a de Cristo, para ser outro Cristo.

Cristo está presente na liturgia, pela força dos sacramentos, que, nas palavras de Santo Agostinho, “quando alguém batiza é o Cristo mesmo quem batiza”. É fé comum da Igreja que batizar é mergulhar na morte de Cristo para com Ele ressuscitar. Cristo está presente na liturgia quando a Igreja ora e salmodia. Na oração da Igreja, é Ele quem ora ao Pai, em nós e por nós.

Enfim, Ele, o Ressuscitado, está entre nós, em comunidade, na Igreja reunida em seu nome e no testemunho nosso de cada dia.

Portanto, toda celebração litúrgica como

“obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, é ação sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra ação na Igreja.” (SC, 7)

Podemos concluir, então, que o Mistério Pascal de Nosso Senhor Jesus Cristo se faz presente de forma sacramental, é perpetuado e vivido na celebração da Santa Missa, nos outros sacramentos, na vivência da Palavra e quando rezamos a Liturgia das Horas. Nesses momentos a ação é do próprio Cristo que se oferece para a nossa salvação.

Portanto, “**nada**” pode substituir a nossa participação na Santa Missa, nem mesmo os atos de piedade popular que fazemos, tais como: reza do terço, adoração ao Santíssimo Sacramento, participação em novenas, via sacra, etc. Esses momentos nos ajudam a contemplar o Mistério Pascal de Cristo.

1.3- Tempo Litúrgico

O tempo faz parte da vida do homem. Há tempo para tudo, como nos apresenta a Sagrada Escritura.⁹

A ação litúrgica também acontece dentro do tempo, o chamado “**tempo litúrgico**”, que é carregado de significados. Não é simplesmente uma sucessão de horas, dias, meses.

Vivido à luz do mistério pascal de Cristo, possui significado único na vida dos que Nele creem. A *Sacrosanctum Concilium* nos afirma que o Tempo Litúrgico “revela todo o mistério de Cristo no decorrer do ano, desde a encarnação e nascimento até a ascensão, ao pentecostes, à expectativa da feliz esperança e da vinda do Senhor”. (SC, 102)

Como esclarece o Catecismo da Igreja Católica (CIC, 1163):

"A santa mãe Igreja julga seu dever celebrar com piedosa recordação, em certos dias fixos no decurso do ano, a obra salvífica de seu divino esposo. Em cada semana, no dia que ela passou a chamar 'dia do Senhor', recorda a ressurreição do Senhor, celebrando-a uma vez por ano, juntamente com sua sagrada paixão, na solenidade máxima da Páscoa. E desdobra todo o mistério de Cristo durante o ciclo do ano (...) Recordando assim os mistérios da Redenção, franqueia aos fiéis as riquezas das virtudes e dos méritos de seu Senhor, de maneira a torná-los como que presentes o tempo todo, para que os fiéis entrem em contato com eles e sejam repletos da graça da salvação."

O Ano litúrgico deve, assim, ser entendido e vivido como um tempo de graça, como um itinerário de fé que devemos percorrer na perspectiva de viver o “**agora**” de Deus. Tem como objetivo na sucessão do tempo diário, semanal e anual proporcionar a todos nós uma maior participação nas ações celebrativas, ajudando-nos a nos configurarmos a Cristo, Senhor do Tempo e da história.

Não coincide com o Ano Civil. Tem como centro o Mistério Pascal de nosso Senhor Jesus Cristo e em torno desse Mistério a Igreja distribui harmonicamente, segundo a ordem histórica ou lógica, os principais acontecimentos da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, bem como as festas em honra de Nossa Senhora, dos anjos e dos Santos.

⁹ “Para tudo há uma ocasião certa; há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu.” Ecl 3,1.

Tem início quatro semanas antes do Natal, terminando no sábado após a festa de Cristo Rei do Universo. Compõe-se de dois grandes ciclos: o **Natal** e a **Páscoa**. Entre esses ciclos apresenta-se um tempo de 33 a 34 semanas chamadas de **Tempo Comum**. É assim chamado, não por ser um tempo vazio, mas por ser um tempo em que a Igreja é convidada “a continuar a obra de Cristo nas lutas e nos trabalhos pelo Reino”.¹⁰

O Ano Litúrgico é assim organizado:

CICLO DO NATAL

ADVENTO É TEMPO DE ALEGRE EXPECTATIVA.

Advento: Inicia-se o ano litúrgico. Compõe-se de 4 semanas. Começa 4 domingos antes do Natal e termina no dia 24 de dezembro. Não é um tempo de festas, mas de alegria moderada e preparação para receber Jesus que vem para nos salvar.

Início: quatro domingos antes do Natal

Término: 24 de dezembro à tarde

Espiritualidade: Esperança e purificação da vida

Ensino: Anúncio da vinda do Messias

Cor: Roxa

NATAL, TEMPO DE ALEGRIA, POIS UM FILHO NOS FOI DADO.

Natal: 25 de dezembro. É comemorado com alegria, pois é a festa do Nascimento do Salvador.

Início: 25 de dezembro

Término: Na festa do Batismo de Jesus

Espiritualidade: Fé, alegria e acolhimento

Ensino: O filho de Deus se fez Homem

Cor: Branca

¹⁰ Ver CNBB. **Animação da vida litúrgica no Brasil**. Brasília, Coleção Documentos da CNBB nº 43, São Paulo: Edições Paulinas, 1989, nº 132.

TEMPO COMUM

TEMPO COMUM - O MISTÉRIO PURO DA VIDA DE CRISTO ENTRE NÓS.

1ª PARTE

Começa após o batismo de Jesus e acaba na terça-feira antes da quarta-feira de Cinzas.

Início: 2ª feira após o Batismo de Jesus

Término: Véspera da Quarta-feira das Cinzas

Espiritualidade: Esperança e escuta da Palavra

Ensino: Anúncio do Reino de Deus

Cor: Verde

2ª PARTE

Começa na segunda-feira após Pentecostes e vai até o sábado anterior ao 1º Domingo do advento.

Início: Segunda-feira após o Pentecostes

Término: Véspera do 1º Domingo do Advento

Espiritualidade: Vivência do Reino de Deus

Ensino: Os Cristãos são os sinais do Reino

Cor: Verde

CICLO DA PÁSCOA

QUARESMA – TEMPO DE CONVERSÃO E PENITÊNCIA

Começa na Quarta-feira de Cinzas e termina na quarta-feira da Semana Santa. Tempo forte de conversão e penitência, jejum, esmola e oração. É um tempo de cinco (5) semanas em que nos preparamos para a Páscoa.

Não se diz "Aleluia", nem se colocam flores na igreja; não devem ser usados muitos instrumentos e não se canta o Hino de Louvor. É um tempo de sacrifício e penitências, não de louvor.

Início: Quarta-Feira de Cinzas

Término: Quarta-feira da Semana Santa

Espiritualidade: Penitência e conversão

Ensinamento: A misericórdia de Deus

Cor: Roxa

PÁSCOA - VIDA NOVA EM CRISTO

Começa com a Ceia do Senhor na quinta-feira santa. Neste dia é celebrada a Instituição da Eucaristia e do sacerdote. Na sexta-feira, celebra-se a paixão e morte de Jesus. É o único dia do ano em que não há a celebração da Missa. Às quinze horas, faz-se uma ação litúrgica. No sábado, à noite, celebramos a solene Vigília Pascal, cume do Ano Litúrgico.

A Festa da Páscoa não se restringe ao Domingo da Ressurreição. Ela se estende até a Festa de Pentecostes.

Pentecostes: É celebrado 50 dias após a Páscoa. Jesus ressuscitado após quarenta dias, volta ao Pai (Ascensão do Senhor) e nos envia o Paráclito.

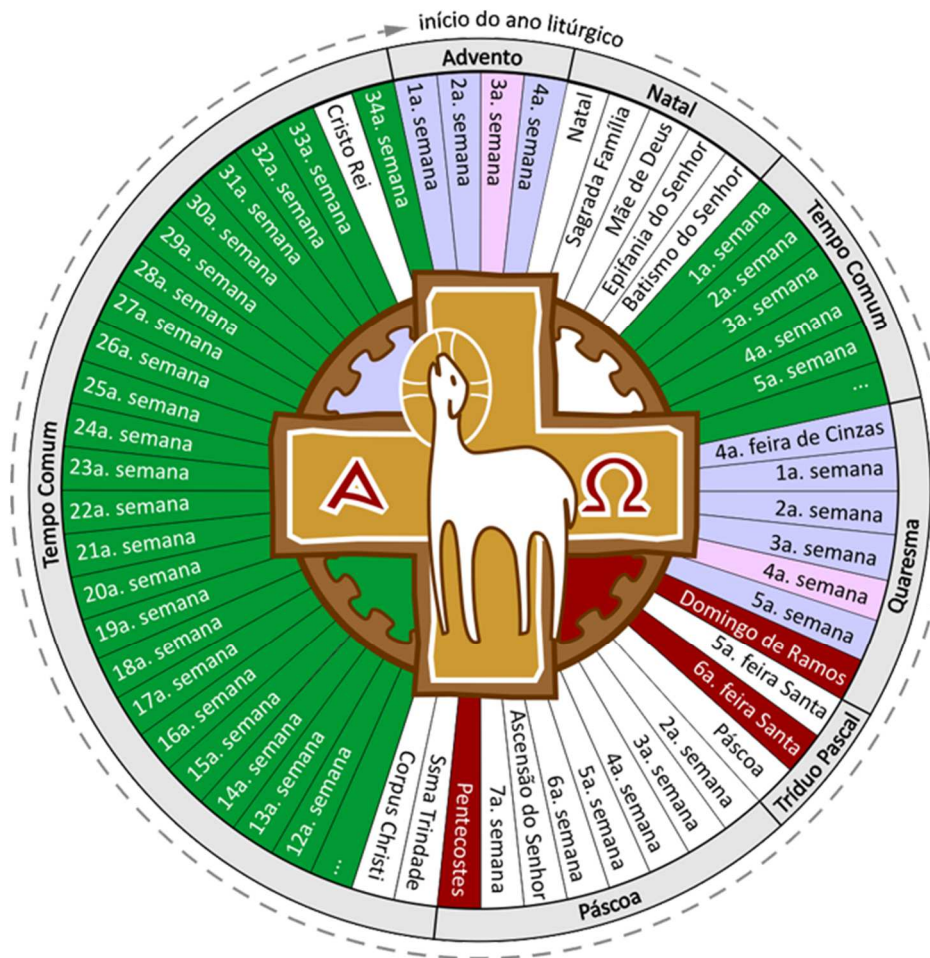
Início: Quinta-feira Santa (Tríduo Pascal)

Término: Em Pentecostes

Espiritualidade: Alegria em Cristo Ressuscitado

Ensinamento: Ressurreição e vida eterna

Cor: Branca



Lembremo-nos sempre que o ano Litúrgico é assim estruturado pela Igreja como uma grande oportunidade para que nós, a assembleia litúrgica, nos reunamos no “dia do Senhor” e festejemos com júbilo o “dia que o Senhor fez para nós”!

Que a cada domingo, ao participarmos da celebração litúrgica, saibamos fazer da nossa vida uma oferenda de “suave odor ao Senhor”, para que sejamos transformados em “hóstias vivas”, anunciadores da Boa Nova.

Portanto, e concluindo esta Mesa, os principais elementos que constituem uma celebração litúrgica são os seguintes:

- **Assembleia:** são pessoas batizadas que se reúnem para celebrar.
- **Ministros:** há os ministros ordenados - bispos, padres, diáconos - e os ministros instituídos - leitores e acólitos. Há numerosos outros ministros não ordenados nem instituídos: ministro da Palavra, ministro do batismo... e ministros para os vários serviços da celebração litúrgica.

- **Proclamação da Palavra de Deus:** leitura de um trecho da Bíblia, escolhido para a celebração.
- **Palavra da Igreja:** explicação da palavra proclamada, homilia, orações.
- **Ações simbólicas:** ritos e símbolos mediante os quais os fiéis entram em comunhão com Deus.
- **Canto:** indispensável na celebração, o canto expressa a harmonia dos cristãos, unidos pela mesma fé.
- **Espaço:** local da celebração, mas significa também ocasião para se reforçar os laços de fraternidade; momento de organização e luta por melhores condições de vida, e ambiente da festa humana.
- **Tempo:** é a sucessão das horas do dia e da noite, mas é também o instante de graça de Deus; são momentos em que Deus, desde toda a eternidade, vai realizando seu plano de salvação na história humana.

Continuaremos o nosso estudo na próxima mesa, onde refletiremos sobre os atores da Liturgia. Até lá e boa reflexão!

Para refletir:

- 1) Que relação existe entre Liturgia e o Mistério Pascal?
- 2) De que forma o conhecimento do Ano Litúrgico pode nos ajudar a vivermos a nossa fé?
- 3) Como podemos valorizar melhor o Mistério Pascal nas celebrações realizadas em nossas comunidades?
- 4) O modo como celebramos a liturgia evidencia a presença de Cristo?
- 5) Em que sentido a presença de Cristo “faz a diferença” na liturgia?
- 6) Como a vivência do Mistério Pascal se faz presente em vossa celebração da liturgia e, em particular, da Eucaristia, na vossa condição de casal cristão?

MESA 2 – OS ATORES DA LITURGIA

Vamos dar continuidade à nossa caminhada litúrgica? Agora que já estudamos o conceito de liturgia, a importância de bem celebrá-la e o significado do Tempo Litúrgico, vamos refletir um pouco sobre os celebrantes ou os atores da celebração?

Como vimos anteriormente, nós somos convidados por Deus Pai a nos reunirmos em nome do Seu Filho Jesus, sob a ação do Espírito Santo, para celebrarmos o Mistério Pascal. A Santíssima Trindade é a origem, o conteúdo e o centro de toda a liturgia cristã, conforme nos orienta o Catecismo da Igreja Católica (CIC 1110):

“Na liturgia da Igreja, Deus Pai é bendito e adorado como fonte de todas as bênçãos da criação e da salvação, com as quais nos abençoou em seu Filho, para dar-nos o Espírito da adoção filial”.

A liturgia é, pois, Deus atuando na história de cada homem; o Espírito Santo cantando uma canção de amor ao Pai por meio da Igreja, Corpo Místico de Cristo. Podemos dizer que **a liturgia é o encontro vivo de Deus com o seu povo por meio da ação da Igreja.**

Temos que ressaltar, no entanto, conforme afirma a *Sacrosanctum Concilium* (SC), que a liturgia não esgota toda a ação da Igreja. BECKHÄUSER afirma que a ação da Igreja é mais ampla, e que algumas ações precedem a ação litúrgica e outras a seguem, mas que na Liturgia todas as ações se encontram, uma vez que nela celebramos a Páscoa de Cristo e dos cristãos que a vivem. A esse respeito, afirma:

“Precedem-na o primeiro anúncio do Evangelho, a catequese e o contínuo incentivo à conversão permanente e à perseverança no bem. Depois temos a ação da caridade, o compromisso com o que foi celebrado, o seguimento de Cristo pelo testemunho de vida, a atividade de cada cristão no seu estado de vida, em sua profissão, em sua missão como cidadão na comunidade social”.¹¹

Na liturgia, celebramos e vivemos o mistério da nossa salvação realizado em Jesus Cristo. Já observaram que temos sempre afirmado durante o nosso estudo que celebramos na liturgia? Mas, afinal, quem celebra a liturgia?

2.1- Cristo e a Igreja: atores da liturgia

¹¹ BECKHÄUSER, Frei Alberto. **Os fundamentos da sagrada Liturgia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004, p. 107.

A Liturgia é “ação do Cristo todo” (CIC, 1.136). A *Sacrosanctum Concilium* afirma que a liturgia é ação da Igreja - definida como o sacramento da unidade e que as celebrações pertencem a todo o corpo da Igreja “povo santo, unido e ordenado sob a direção dos bispos”. Podemos dizer então que todos nós, “comunidade dos batizados”, reunidos pela Santíssima Trindade, celebramos a liturgia.

Pensemos sobre o modo como celebramos. Para isso vamos recorrer às instruções contidas na *Sacrosanctum Concilium*. Reflitamos, então (SC, 28 e 29):

- “Nas celebrações litúrgicas, seja quem for, ministro ou fiel, exercendo o seu ofício, faça tudo e só aquilo que pela natureza da coisa ou pelas normas litúrgicas lhe compete”.
- “Os que servem ao altar, leitores, comentaristas e componentes do grupo coral exercem também um verdadeiro ministério litúrgico. Desempenhem, portanto, sua função com a piedade sincera e a ordem que convêm a tão grande ministério e que, com razão, o povo de Deus exige deles. Por isso, é necessário que, de acordo com as condições de cada qual, sejam cuidadosamente imbuídos do espírito litúrgico e preparados para executar as suas partes, perfeita e ordenadamente”.

Voltemos à pergunta inicial: **Quem celebra a liturgia?** Acrescentemos outras perguntas para ampliarmos a nossa reflexão. **De que modo a celebram? Quais as funções que desempenham durante a celebração?** A que conclusões chegaram?

Podemos concluir que “há diferentes tipos de ministérios, mas o Senhor é o mesmo” (I Cor 12, 4). Toda a assembleia é “*liturgia*”, cada qual segundo a sua função. Temos assim, a assembleia e diferentes ministérios suscitados pelo Espírito Santo em favor dela.

As funções e ofícios desempenhados nas celebrações litúrgicas são definidos conforme o ministério exercido. Há três diferentes tipos de ministérios, que se configuram como serviço, e não como honrarias. São eles:

- a) Os ministérios ordenados;
- b) Os ministérios instituídos;
- c) Os ministérios confiados.

Vejamos cada um deles.

a) Ministérios ordenados: bispo, presbítero e diácono

São ministérios exercidos normalmente pelo bispo ou pelo presbítero, e em algumas ocasiões pelo diácono que também é ordenado. São os chamados presidentes da celebração. O presidente da celebração representa Cristo, Cabeça do seu Corpo, a Igreja.

Dependendo da celebração, pode ser feita por um diácono. Ele está a serviço da Palavra de Deus na proclamação do Evangelho e a serviço do altar, acompanhando o celebrante principal. O seu ministério evoca o Cristo que veio para servir e não para ser servido. Pode desempenhar outras funções ministeriais.

b) Ministérios instituídos: acólitos e leitores

A Instrução Geral do Missal Romano (IGMR, 98), no capítulo III, apresenta as funções e os ministérios na Missa. Dentre as funções apresentadas, encontra-se a função do acólito. A referida Instrução afirma que o acólito é instituído

“para o serviço do altar e para ajudar o sacerdote e o diácono. Compete-lhe, como função principal, preparar o altar e os vasos sagrados e, se for necessário, distribuir aos fiéis a Eucaristia, de que é ministro extraordinário”.

A IGMR determina ainda que, na falta do acólito instituído, os ministros leigos podem ajudar o sacerdote e o diácono no serviço do altar, acrescentando a forma (IGMR, 100):

“... levam a cruz, os círios, o turíbulo, o pão, o vinho e a água”. Acrescenta ainda que “podem ser designados ministros leigos para distribuir a Sagrada Comunhão como ministros extraordinários”.

O leitor é instituído para fazer as leituras da Sagrada Escritura, com exceção do Evangelho. Pode também propor as intenções da oração universal e ainda, na falta de salmista, recitar o salmo entre as leituras.

c) Ministérios confiados:

São os ministérios conferidos a um membro da comunidade, por meio de um gesto litúrgico ou por alguma forma canônica, conforme previsto em documentos do

Episcopado de cada País, e que tratam da missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas.¹²

Encontramos ainda na IGMR a seguinte afirmação (IGMR, 107):

“As funções litúrgicas, que não são próprias do sacerdote ou do diácono, e das quais se tratou acima (nº 100-106), também podem ser confiadas a leigos idôneos, escolhidos pelo pároco ou reitor da Igreja, mediante uma bênção litúrgica ou por nomeação temporária”.

Os Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão são leigos (homens ou mulheres) idôneos que prestam um serviço litúrgico e de caridade. Têm por função a distribuição da comunhão na Missa; a distribuição da comunhão fora da Missa, aos doentes ou outras pessoas que com razão o solicitem; a administração do viático; na falta de um sacerdote ou diácono, a exposição do Santíssimo Sacramento para a adoração dos fiéis (ressalte-se, nunca a bênção com o Santíssimo); podem, ainda, acompanhar velórios. No entanto, todas estas funções devem ser realizadas em caso de necessidade, ou seja, quando não houver ministros ordenados disponíveis ou em número suficiente.

Onde a necessidade da Igreja exigir, ou seja, em casos de grave falta de presbíteros e diáconos, podemos ainda encontrar Ministros Extraordinários do Batismo e Assistentes Leigos do Matrimônio. Para isso, o Bispo solicita o parecer favorável da Conferência dos Bispos e a necessária licença da Santa Sé. Somente ao bispo é concedida essa autorização.

Outras funções ministeriais e serviços litúrgicos:

Existem ainda outros ministérios que não são instituídos, mas que podem ser um serviço litúrgico de forma estável ou ocasional. São eles: coroinhas, leitores, salmistas, equipes de animação litúrgica, canto, instrumentistas, sacristãos, os que fazem coleta na missa, acolhem os irmãos, mestres de cerimônias (IGMR, 105).

Como vimos, há uma diversidade grande de funções. Todas, no entanto, devem experimentar a alegria que decorre da perfeita comunhão vivida pelos que creem.

¹² No Brasil, ver CNBB. **Missão e Ministérios dos Cristãos Leigos e Leigas**. Documento nº 62 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, São Paulo: Edições Paulinas, 1999. Trata-se de uma reflexão do Magistério da Igreja no Brasil, fundamental para a compressão do ser Igreja a partir de uma eclesiologia oriunda e estruturada no Concílio Vaticano II (Documento Conciliar “*Lumen Gentium*”).

2.2- A participação dos fiéis na liturgia

A primeira realidade visível da liturgia cristã é a comunidade reunida, a assembleia santa, o Povo sacerdotal, reunido em nome de Jesus, que goza da certeza de sua presença e d'Ele recebe o mandato de repetir seus gestos e palavras em sua memória. Portanto, esta assembleia é uma manifestação privilegiada do Corpo de Cristo, representando uma convicção e uma realidade para se compreender o primado da assembleia nas celebrações litúrgicas.

No Antigo Testamento, é frequente encontrar referências às grandes assembleias do Povo de Israel, escutando a Palavra de Deus, dirigindo-lhe a sua oração e celebrando os gestos simbólicos da Aliança. O povo sentia-se convocado por Javé. No Novo Testamento, a convocatória da assembleia produz-se em torno de Jesus Cristo e chama-se Igreja, povo convocado e congregado.

Ao longo dos séculos, “nunca a Igreja deixou de se reunir em assembleia para celebrar o Mistério Pascal”, sobretudo para a Eucaristia dominical, porque o domingo, desde a primeira geração, é o dia por excelência da reunião da assembleia cristã, é dia Pascal (SC, 6).

A motivação não é só pedagógica ou sociológica – a assembleia litúrgica cristã “ultrapassa todas as afinidades humanas, raciais, culturais e sociais” – (CIC, 1097), mas, sobretudo, teológica (IGMR, 95):

“Na celebração da Missa, os fiéis constituem a nação santa, o povo resgatado, o sacerdócio real”.

O povo sacerdotal, a comunidade dos batizados, reúne-se para celebrar o mistério da nova aliança, sempre com a convicção da presença, invisível mas real, do seu Senhor, Jesus Cristo, que prometeu: “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles” (Mt. 18,20). A assembleia é o lugar de preferência da presença do Senhor.

Ao mesmo tempo, cada assembleia litúrgica é a realização concentrada e a epifania (manifestação) de toda a Igreja: “O povo de Deus, que se reúne para a Missa (...) se exprime nos diversos ministérios e diversas ações” (IGMR, 91 e 294).

A assembleia cristã é a que celebra a Eucaristia, sob a presidência do ministro que a completa visibilizando o verdadeiro presidente, Cristo: “Na Missa ou Ceia do Senhor, o povo de Deus é convocado e reunido, sob a presidência do sacerdote que

atua na pessoa de Cristo, para celebrar o memorial do Senhor ou sacrifício eucarístico” (IGMR, 27).

Portanto, a assembleia litúrgica não é um grupo qualquer de pessoas reunidas para um determinado objetivo. Ela é o Povo de Deus, “uma comunidade de fiéis, hierarquicamente constituída, legitimamente reunida em certo lugar para uma ação litúrgica e altamente qualificada por uma particular e salutar presença de Cristo”.

O Catecismo da Igreja Católica ressalta, em diversas partes, que se trata de uma assembleia:

- **Dos santos:** a Igreja é a comunhão de todos os santos (CIC, 946).
- **Eucarística:** porque a Eucaristia é celebrada na assembleia dos fiéis, expressão visível da Igreja (CIC, 1329).
- **Humana:** uma sociedade é um conjunto de pessoas ligadas de maneira orgânica por um princípio de unidade que ultrapassa cada uma delas. Assembleia ao mesmo tempo visível e espiritual, uma sociedade perdura no tempo; ela recolhe o passado e prepara o futuro. Por ela, cada homem é constituído "herdeiro", recebe "talentos" que enriquecem sua identidade e com os quais deve produzir frutos. Com justa razão, deve cada qual dedicar-se às comunidades de que faz parte e respeitar as autoridades encarregadas do bem comum (CIC, 1880).
- **Litúrgica:** na linguagem cristã, a palavra "Igreja" designa a assembleia litúrgica, mas também a comunidade local ou toda a comunidade universal dos crentes. Esses três significados são inseparáveis. "**A Igreja**" é o Povo que Deus reúne no mundo inteiro. Existe nas comunidades locais e se realiza como assembleia litúrgica, sobretudo eucarística. Ela vive da Palavra e do Corpo de Cristo e se torna, assim, Corpo de Cristo.

Por tudo aquilo que dela afirma a Igreja, podemos concluir que a assembleia litúrgica é um “autêntico sacramento de salvação”, ligada como está à própria liturgia, à Igreja e a Cristo. Portanto, Povo de Deus que, na riqueza de sua diversidade, celebra o memorial da morte e ressurreição do Senhor.

Vê-se, pois, que a reunião da assembleia litúrgica deve ser de sentido objetivo, comunitário e eclesial; não, portanto, subjetivo e personalista, embora se entenda que o cristão, na liturgia, não perde a sua individualidade, as suas marcas pessoais e

subjetivas; estas, aliás, devem ser postas a serviço do ato celebrativo, pois na liturgia o “eu”, psicológico e individual, integra-se ao “nós”, comunitário e litúrgico, não apenas em sentido físico, espacial, mas espiritual e místico.

Portanto, a assembleia litúrgica é o povo reunido por Deus, que pela fé responde à sua Palavra. É diferente de qualquer outro agrupamento de pessoas. Reúne-se como filhos de Deus, unidos pela mesma fé em Cristo e com o mesmo objetivo: servir aos irmãos. Difere também pelo modo como participa da celebração. Busca envolver-se na celebração com todo o seu ser: corpo, mente e alma, para que possa viver intensamente o mistério celebrado.

A assembleia litúrgica, embora torne todos iguais em Cristo, desempenha funções diferenciadas por ser hierarquicamente organizada, conforme percebemos: “estas celebrações pertencem a todo o Corpo da Igreja e o manifestam e afetam; mas atingem a cada um dos membros de modo diferente, conforme a diversidade de ordens, ofícios e da participação atual” (SC, 26).

Que o nosso agir litúrgico ocorra em perfeita sintonia com a assembleia, tendo sempre presentes as palavras do Evangelho: “que não haja divisão no corpo, mas, sim, que todos os membros tenham igual cuidado uns pelos outros” (I Cor 12,26).

Conscientes da nossa função, possa o Senhor nos ajudar sempre a crescer em humildade e disponibilidade para abraçar a causa do Evangelho.

Que o nosso amor pela liturgia cresça mais e mais e que o serviço que prestamos a Deus possa ajudar as nossas comunidades a viverem de modo “consciente, ativo e frutuoso” o Mistério pascal de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Até a próxima Mesa, quando refletiremos sobre o diálogo estabelecido por Deus conosco, o seu povo.

Para refletir:

- 1- De que forma desempenhamos as nossas funções na Igreja ou movimento que frequentamos? Você se considera um “ator litúrgico”?
- 2- Como podemos ajudar a nossa assembleia litúrgica a participar ativamente do Mistério celebrado?
- 3- Você já pensou em se preparar adequadamente para ser um Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão em sua Paróquia?

- 4- O seu “agir litúrgico” está em sintonia com sua assembleia litúrgica, que pela fé responde à Palavra de Deus?
- 5- Como pais cristãos, como estamos introduzindo nossos filhos/filhas na “mistagogia” de sua participação litúrgica e nos ministérios (institucionais e extraordinários) nos quais eles/elas poderiam exercer seu serviço?

MESA 3 — DIÁLOGO ENTRE DEUS E SEU POVO

Na Mesa anterior, refletimos sobre a importância dos celebrantes na liturgia. Percebemos que nós somos um povo em festa e que, impulsionados pelo amor do Espírito Santo, participamos da vida de Deus em Cristo Jesus. Vimos ainda que a assembleia cristã é um dom gratuito de Deus, pois Cristo se doou totalmente ao Pai, entregando-se à morte e morte de cruz, para nos resgatar. Pelo nosso Batismo, tornamo-nos filhos, irmãos em Cristo, e por isso podemos nos reunir para louvar e bendizer ao nosso Pai que está nos céus. Já pensaram no tamanho do privilégio que temos enquanto cristãos?

Nesta Mesa, vamos avançar um pouco mais. Vamos ver como se estabelece o diálogo na assembleia litúrgica. **Diálogo?**¹³ Isso mesmo! Reunião implica interação, diálogo. Há pessoas que falam, outras que escutam, e vice-versa. Somos reunidos por Deus porque Ele quer dialogar conosco, nos falar da sua vida, contar-nos a Boa Nova do Evangelho, saber da nossa vida, das nossas alegrias, tristezas, enfim, nos ouvir.

Como podemos perceber, a palavra é um importante meio de comunicação entre os seres humanos. Ela possui um valor muito grande na assembleia litúrgica. Não qualquer palavra, mas a Palavra de Deus contida na Sagrada Escritura, bem como a palavra da Igreja contida nas orações que nós dirigimos a Deus, as chamadas orações Eucológicas.¹⁴ Vamos então conhecer a importância da palavra na Sagrada Liturgia?

¹³ “A novidade da revelação bíblica consiste no fato de Deus Se dar a conhecer no diálogo, que deseja ter conosco”. In: Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, de Bento XVI, sobre a **Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja**, nº 6.

¹⁴ Eucologia vem do grego, *euche*, *euke* (oração) e *logia* (estudo, ciência, tratado). Portanto, seria o estudo da oração, mas usa-se também para o conjunto de orações de um livro litúrgico ou de uma celebração. Assim como as leituras representam o que Deus nos quer comunicar, os textos eucológicos são as orações que nós dirigimos a Deus.

A eucologia é uma das riquezas mais características de um rito ou família litúrgica. Nas liturgias orientais chama-se Eucológico ao seu livro oracional. Nas ocidentais, chama-se Sacramentário (*liber sacramentorum*), Livro do altar ou simplesmente Missal.

Fala-se de eucologia maior e menor. A **eucologia menor** são as orações breves, no princípio da Missa (a oração da coleta), depois do ofertório (oração sobre as oferendas) e, no final da celebração (oração depois da Comunhão), assim como a fórmula conclusiva da Oração Universal na Missa e as “coletas dos Salmos”, na Liturgia das Horas.

A **eucologia maior** é, sobretudo, a Oração Eucarística, com o Prefácio como sua primeira seção, as bênçãos solenes e as orações consagratórias dos vários sacramentos: por exemplo, a oração sobre a água, no Batismo, sobre os óleos e o Crisma, na Missa Crismal, ou sobre os ordenandos ou os noivos.

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015 (DGAE) apontam para a necessidade do Povo de Deus ser “educado e formado claramente para se abeirar das Sagradas Escrituras na sua relação com a Tradição viva da Igreja, reconhecendo nelas a própria Palavra de Deus”, para que assim o anúncio da salvação possa ser comunicado em todos os tempos e lugares de maneira eficaz.

3.1- A Palavra de Deus na liturgia

A proclamação da Palavra de Deus é de fundamental importância para a fé cristã. A escuta atenta da Palavra nos possibilita um encontro com o Cristo vivo, Palavra eterna do Pai. Precisamos, portanto, acolhê-La com alegria, deixando-nos invadir por Sua mensagem de amor, para que assim consigamos levá-La com a nossa vida ao mundo tão carente e sedento desta Palavra que orienta, guia e tranquiliza aqueles que se deixam seduzir por Ela.

A *Sacrosanctum Concilium* (SC, 24) afirma que

“A Escritura desempenha papel de primordial importância na celebração litúrgica. Fornece as leituras e é explicada na homilia. Cantam-se os salmos, cuja inspiração e sentimento se prolongam nos hinos e orações litúrgicas, conferindo significação às mais diferentes ações. Quando se procura, pois, reformar a liturgia, fazê-la evoluir e adaptá-la, é preciso cuidar para que se conserve, suave e vivo, o gosto pela Sagrada Escritura, que caracteriza a tradição dos ritos, tanto orientais como ocidentais”.

Toda e qualquer celebração, seja a Santa Missa, um Batizado ou qualquer outro Sacramento, deve reservar um espaço para a proclamação e meditação da Palavra, uma vez que “**ESTA**” é de fundamental importância para a vida e a missão da Igreja. A liturgia da Palavra ocupa, pois, um lugar central na liturgia, tornando-se para os fiéis a primeira e fundamental escola da fé. Por meio da Liturgia da Palavra reaviva-se concretamente o diálogo da aliança que Deus estabeleceu conosco.

Pensemos então na importância da Liturgia da Palavra de Deus no contexto celebrativo. Como lemos na Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina (DV, 21):

“A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da palavra de Deus quer da do Corpo de Cristo. Sempre as considerou, e continua a considerar, juntamente com a sagrada Tradição,

como regra suprema da sua fé; elas, com efeito, inspiradas como são por Deus, e exaradas por escrito duma vez para sempre, continuam a dar-nos imutavelmente a palavra do próprio Deus, e fazem ouvir a voz do Espírito Santo através das palavras dos profetas e dos Apóstolos. É preciso, pois, que toda a pregação eclesial, assim como a própria religião cristã, seja alimentada e regida pela Sagrada Escritura. Com efeito, nos livros sagrados, o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro de Seus filhos, a conversar com eles; e é tão grande a força e a virtude da palavra de Deus que se torna o apoio vigoroso da Igreja, solidez da fé para os filhos da Igreja, alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual. Por isso se devem aplicar por excelência à Sagrada Escritura as palavras: ‘A palavra de Deus é viva e eficaz’ (Hebr. 4,12), ‘capaz de edificar e dar a herança a todos os santificados’ (At. 20,32; cfr. 1 Tess. 2,13).

A Palavra de Deus “é viva e eficaz”. Ela convoca e realiza a comunidade, a assembleia. Deve ser celebrada, acolhida e vivida por todos e cada um de nós, de modo que faça “arder os nossos corações”, pois é o próprio Deus quem nos fala e que se faz presente em nosso meio. Assim nos ensina a *Sacrosanctum Concilium* (SC, 33): “Na Liturgia, Deus fala ao seu povo. Cristo ainda anuncia o Evangelho”.

Como vemos, a proclamação da Palavra não só nos instrui, mas nos revela o mistério da nossa salvação. Deste modo, a Liturgia da Palavra é um diálogo amoroso entre Deus que nos fala e nós, que, ouvindo-O, O acolhemos em nosso coração, respondendo e aceitando a Sua manifestação. Em cada celebração o Senhor nos alimenta com a Sua Palavra e nos revela o Seu mistério, fortalecendo-nos e transformando-nos em suas testemunhas até os “confins da terra”.

A Instrução Geral do Missal Romano (IGMR, 55) afirma que:

“A parte principal da liturgia da palavra é constituída pelas leituras da Sagrada Escritura com os cânticos intercalares. São seu desenvolvimento e conclusão a homilia, a profissão de fé e a oração universal ou oração dos fiéis. Nas leituras, comentadas pela homilia, Deus fala ao seu povo, revela-lhe o mistério da redenção e salvação e oferece-lhe o alimento espiritual. Pela sua palavra, o próprio Cristo está presente no meio dos fiéis. O povo faz sua esta palavra divina com o silêncio e com os cânticos e a ela adere com a profissão de fé. Assim alimentado, eleva a Deus as suas preces na oração universal pelas necessidades de toda a Igreja e pela salvação do mundo inteiro”.

Dada a importância deste momento na Sagrada Liturgia, toda a nossa atenção deve se voltar para a Mesa da Palavra, local onde nos banquetearmos com o Pão da Palavra que nos será oferecido. Esta Mesa foi reintroduzida pelo Concílio Vaticano II,

para proclamar as leituras, o evangelho, cantar o salmo, fazer a homilia e as preces dos fiéis.

Aos domingos e solenidades, normalmente, são proclamadas duas leituras. A primeira, tirada do Antigo Testamento ou, em algumas celebrações, do Livro dos Atos dos Apóstolos. Está sempre relacionada ao Evangelho. A segunda leitura, tirada do Novo Testamento, normalmente apresenta trechos significativos das cartas apostólicas.

As leituras não podem jamais ser substituídas por outras. São proferidas por leitores que emprestam a sua voz a Deus para que Ele possa falar. O leitor não fala em seu próprio nome; por isso não basta saber ler bem; é preciso proclamar a Palavra de Deus. Para isso, deve estar bem preparado para exercer este ministério.

É importante meditar a Palavra de Deus algum tempo antes da celebração. Deixar esta Palavra penetrar em sua vida, guardando-A em seu coração, para que assim, ao lê-la, não sejam palavras que saem de um texto frio, mas do calor que brota do mais íntimo do seu ser, levando toda a assembleia a sentir o mesmo que os discípulos de Emaús, quando seus corações se inflamavam ao ouvir Cristo lhes falar.

O Salmo intercala as leituras e nos impregna do verdadeiro espírito de oração. O ideal é que seja cantado. É um texto bíblico que tem íntima relação com as leituras bíblicas. Não pode, portanto, ser substituído por um canto, por mais belo que seja, e que favoreça a meditação.

O Canto de Aclamação é um verso tirado do próprio Evangelho, em que manifestamos a nossa alegria em acolher o Cristo que nos vai falar, ao mesmo tempo em que nos disponibilizamos a segui-Lo.

O Evangelho é o “ponto alto da Liturgia da Palavra”. É proclamado por um diácono, ou presbítero, nunca por outra pessoa, por mais idônea que seja.

Segue-se então a homilia, momento em que o celebrante atualiza o povo de Deus no mistério celebrado. A Palavra de Deus é sempre nova e atual. Por meio da homilia, somos motivados a confrontar a nossa vida com o Plano que Deus tem para nós, e a aderir com renovado ardor missionário à missão de sermos “sal e luz” na sociedade em que vivemos.

A Profissão de Fé ou símbolo dos apóstolos é a adesão livre e pessoal que damos à Palavra de Deus que foi proclamada e por nós foi ouvida e acolhida no íntimo

do nosso coração. É assim chamada porque foi estruturada pelos apóstolos e contém as verdades de fé essenciais para a nossa salvação.

Encerramos então a Liturgia da Palavra, apresentando a Deus as nossas necessidades, por meio da Oração Universal ou a oração dos fiéis. Aqui exercemos a nossa função sacerdotal. Convictos da nossa fé, nós nos unimos a Cristo e suplicamos ao Pai pela Igreja, pelos poderes públicos, pelos que passam por dificuldades e pela nossa comunidade local, confiantes de que seremos atendidos por Ele.

Alimentados pela Palavra, Deus continua o seu diálogo conosco por meio da Liturgia Eucarística e dos cantos que Lhe oferecemos. Na última Ceia, Cristo instituiu o sacrifício e a Ceia Pascal, que tornam continuamente presente na Igreja o sacrifício da cruz, confiando aos seus discípulos a missão de continuarem a fazer “Isto em sua memória”. Cristo, por amor a nós, oferece o Seu próprio corpo e o Seu próprio sangue, sob as espécies do pão e do vinho, como comida e bebida, para nos fortalecer na caminhada diária. Há amor maior que este?

É importante, pois, que participemos deste momento em atitude de muito respeito e em clima de oração, participando de modo consciente; pensando e vivendo cada palavra que pronunciamos, cada canto que entoamos; assumindo por gestos, palavras e ações, as palavras que pronunciamos ao responder ao convite que o celebrante nos faz: “corações ao alto” e nós respondemos: “o nosso coração está em Deus”.

Como ensina a Exortação *Verbum Domini*, do papa Bento XVI (VD, 52):

“Considerando a Igreja como ‘casa da Palavra’, deve-se antes de tudo dar atenção à Liturgia sagrada. Esta constitui, efetivamente, o âmbito privilegiado onde Deus nos fala no momento presente da nossa vida: fala hoje ao seu povo, que escuta e responde.”

3.2- A resposta da Igreja: rezar a liturgia

Reproduzimos, a seguir, parte de uma reflexão de Fr. Patrício Sciadini, OCD, sobre rezar a liturgia:¹⁵

¹⁵ Publicado no site “**Salvem a Liturgia**”, que, dentre outros objetivos, deseja fomentar a frutuosa, “plena, consciente e ativa participação” de todos os batizados na Santa Missa, na Exposição do Santíssimo, na celebração dos sacramentos, no Ofício Divino, e nas demais cerimônias litúrgicas, como propõe a Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* (14). Consultado em abril de 2015. Pesquisar em: <http://www.salvemaliturgia.com/2010/06/oracao-liturgica.html>.

O universo da oração é tão vasto como as estrelas do céu ou como a areia da praia, cujos grãos são incalculáveis. Entre tantas formas de oração, vale destacar a litúrgica como algo muito significativo, maravilhoso, onde sentimento, fé e arte se mesclam com a sabedoria da mente e do coração, formando o mundo espiritual dos gestos e do sagrado.

Cada expressão litúrgica, palavra ou gesto, é caminho de comunhão com Deus, é encontro com o mistério, extasiamento e adoração ao Invisível que se faz presente com sua força e seu amor.

Quem participa de uma celebração litúrgica deve ser levado ao sentido místico de cada ato, a mergulhar no santuário do seu interior e perceber que Deus o santifica e o invade com toda a sua força. A liturgia torna-se assim ápice, maior manifestação e fonte de toda oração; a liturgia nos leva à oração pessoal e esta transborda na necessidade da oração litúrgica. Há momentos em que precisamos celebrar junto com a comunidade o que se passa na nossa vida de fé.

É preciso dar espaço para a oração que assume esta realidade litúrgico-comunitária. Por isso toda oração deve ser preparada, especialmente quando se trata da oração litúrgica, como a Eucaristia e outras formas. Tudo concorre para que o nosso espírito possa encontrar alimento substancioso para a vida espiritual.

Os símbolos da "liturgia" falam por si mesmos: paramentos, flores, velas, as procissões, incenso, são meios que, no seu silêncio, têm uma voz muito forte e que nos convidam a uma comunhão com o transcendente. As músicas também devem estar numa sintonia com o mistério litúrgico que celebramos. Há um direcionamento de tudo o que realizamos para que o mistério se faça mais compreensível.

Entre tantos caminhos de "oração" que nos são oferecidos não há a menor dúvida que a liturgia é um dos mais belos, o principal, o caminho real que com seus gestos, sua beleza, sua arte e especialmente com seu dinamismo em fazer-nos reviver a "memória de Jesus", nos faz penetrar na silenciosa e adoradora contemplação do mistério do amor. Rezar a liturgia quer dizer não sermos simples espectadores, preocupados com a estética litúrgica, mas com o mistério que estamos celebrando.

A liturgia é fonte de meditação, de oração vocal, de contemplação e de "êxtase". Os místicos sempre tiveram um grande amor para com a liturgia, mesmo quando sabiam que o mistério de Deus poderia arrebatá-los.

Rezar a liturgia é preparar o nosso coração a acolher com amor o Senhor em nossa vida e celebrar no santuário interior desde já, a liturgia que um dia celebraremos sem fim no céu.

Aprender a rezar a liturgia é caminhar com passos rápidos ao encontro com Deus.

Não há verdadeira santidade sem um amor apaixonado pela liturgia, e nem uma profunda oração sem fazer dos mistérios litúrgicos o coração da nossa contemplação.

3.3- A resposta da Igreja: o canto litúrgico

Reproduzimos a seguir uma síntese de um documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil sobre o **“Canto e Música na Liturgia Pós-Concílio Vaticano II: Princípios teológicos, litúrgicos, pastorais e estéticos”**, a fim de ressaltar a importância do canto litúrgico e sua força motivadora nas celebrações, preservando consequentemente os fundamentos sólidos da fé e da piedade do Povo de Deus.¹⁶

É importante lembrar que as Conferências Episcopais de cada País costumam oferecer à Igreja local e a todos os fiéis estas orientações pastorais, e que cada um pode consultar e estudar paralelamente a estes subsídios aqui apresentados.

3.3.1- Do ponto de vista teológico a música litúrgica:

- a) Brota da vida da comunidade de fé.
- b) Reflete necessariamente o Mistério da Encarnação do Verbo e, por isso mesmo, assume as características culturais da música de cada povo, nação ou região.
- c) Enraíza-se na longa tradição bíblico-litúrgica judaica e cristã.
- d) Insere-se na dinâmica do memorial, própria e original da tradição judaico-cristã: é canto, são palavras, melodias, ritmos, harmonias, gestos, dança a serviço da recordação dos fatos salvíficos, um passado significativo que aflora nos acontecimentos, no hoje, no aqui-e-agora da comunidade cristã, a qual prolonga a experiência da Mãe do Senhor, de quem se diz que guardava todas estas coisas, meditando-as no seu coração.

¹⁶ CNBB. **Princípios da Música Litúrgica**. In: <http://www.cnbb.org.br/comissoes-episcopais-1/liturgia-1>.

- e) Tem o papel pedagógico de levar a comunidade celebrante a penetrar sempre mais profundamente o Mistério de Cristo.
- f) Brota da ação do Espírito Santo, que suscita na assembleia celebrante o fervor e alegria pascais, provocando em quem canta uma atitude de esperança e amor, diante da realidade em que vive, expressando a esperança de um novo céu e uma nova terra.
- g) Expressa, finalmente, a natureza e sacramentalidade da Igreja, Povo de Deus, Corpo de Cristo, na diversidade de seus membros e ministérios, já que há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo.

3.3.2- Do ponto de vista litúrgico a música litúrgica:

- a) Traz consigo o selo da participação comunitária. Ela reflete o direito que todo cristão e toda cristã têm, por força do sacerdócio batismal, de expressar-se como assembleia celebrante que louva e agradece, suplica e oferece por Cristo, com Cristo e em Cristo, ao Pai, na unidade do Espírito Santo.
- b) Manifesta o caráter ministerial de toda a Igreja, corpo de Cristo, ao mesmo tempo, uno e diverso, com membros e funções diferentes, se bem que organicamente convergentes.
- c) É música ritual. Como tal, ela tem um caráter exigentemente funcional, precisando adequar-se à especificidade de cada momento ou elemento ritual de cada tipo de celebração, à originalidade de cada Tempo Litúrgico, à singularidade de cada Festa.
- d) Está a serviço da Palavra. Sua grande finalidade é, portanto, realçar a Palavra emprestando-lhe sua força de expressão e motivação. Jamais poderá, portanto, empaná-la ou dificultar-lhe a audição, compreensão e assimilação.
- e) Expressa o mistério pascal de Cristo, de acordo com o tempo do ano litúrgico e suas festas.

3.3.3- Do ponto de vista pastoral a música litúrgica:

- a) Encarna as finezas e cuidados do Bom Pastor para com seu rebanho. Quem exerce algum tipo de ministério litúrgico musical prima, então, por adequar-

se à diversidade dos ambientes sociais e culturais, às vivências e contingências do cotidiano, às possibilidades e limitações de cada assembleia. Cabe-lhe, portanto, com sensibilidade e sensatez, não só ajudar na escolha, no aprendizado e na utilização do repertório mais conveniente, mas também cuidar oportunamente da formação litúrgico-musical da assembleia.

- b) Reflete aquela solidariedade que caracteriza os discípulos de Cristo na sua relação com toda a Humanidade, pois, “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada de verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração. (...) Portanto a comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história”.
- c) É fruto da inspiração de quem vive inserido(a) no meio do povo e no seio da comunidade eclesial, em profunda sintonia com o Mistério de Cristo, contemplado, à luz das Escrituras, no dia-a-dia da vida. Uma música assim produzida leva a assembleia a celebrar, como Maria na casa de Izabel, a ação transformadora e libertadora do Deus-Pastor. O Cântico de Maria, por sinal, cantado todas as tardes no Ofício de Vésperas e no momento da comunhão nas festas marianas, é a grande referência do canto da Igreja, onde cada autor e compositor deveria se espelhar.

3.3.4- Do ponto de vista estético a música litúrgica:

- a) Em todos os seus elementos, palavra, melodia, ritmo, harmonia participa da natureza simbólica e sacramental da Liturgia cristã, celebração do Mistério de Cristo.
- b) Brota da cultura musical do povo, de onde provêm os participantes da assembleia celebrante. Nesta cultura, então, é que, prioritariamente, busca e encontra os gêneros musicais que melhor se encaixem na variedade dos Tempos Litúrgicos, das Festas e dos vários momentos ou elementos rituais

de cada celebração: toda linguagem musical é bem vinda, desde que seja expressão autêntica e genuína da assembleia.

- c) Privilegia a linguagem poética. Toda autêntica experiência de oração é antes de tudo uma experiência poética, e a linguagem poética, portanto, é a que mais se ajusta ao caráter simbólico da Liturgia. Evitem-se, portanto, textos de cunho explicativo ou didáticos, textos doutrinários, catequéticos, moralizantes ou ideologizantes, estranhos à experiência propriamente celebrativa.
- d) Prioriza o texto, a letra, colocando tudo mais a serviço da plena expressão da palavra, de acordo com os momentos e elementos de cada rito: uma coisa é musicar um texto para canto de abertura, outra é musicar um texto como salmo responsorial; uma coisa é musicar uma aclamação ao Evangelho, outra, musicar um texto para a procissão das oferendas ou da comunhão; uma coisa é musicar um texto para o ato penitencial, outra musicar a aclamação angélica do “Santo”; uma coisa é musicar a prece eucarística, outra a bênção da água batismal, outra, ainda, o invitatório no início do Ofício Divino; uma coisa é musicar um repertório para o Tempo da Quaresma, outra musicar um repertório para a Festa do Natal... Muito vai depender, também, da própria experiência litúrgico-espiritual de quem compõe ou da assembleia para a qual se compõe.
- e) É chamada a realizar perfeita simbiose (combinação vital) entre a palavra (texto, letra) e a música que a interpreta. Esta simbiose implica, inclusive, em que o texto seja composto de tal maneira que a métrica e a cadência dos versos, bem como os acentos das palavras sejam convenientemente levados em conta pela música, evitando-se descompassos, desencontros e dissonâncias entre o embalo da música e a cadência dos versos ou os acentos de cada palavra.
- f) Prescinde de tensões harmônicas exageradas. A riqueza de expressão do sistema modal do canto gregoriano e a grandiosidade da polifonia sacra continuam sendo referenciais inspiradores para quem se dedica ao fazer litúrgico-musical.

- g) Prima por manter-se fiel à concepção original do(a) autor(a), conforme está expressa na partitura, sob pena de perder as riquezas originais da sua inspiração e, conseqüentemente, empobrecer-lhe a qualidade estética e densidade espiritual.

3.4- Respeito às normas litúrgicas

Em 25 de março de 2004, foi publicada pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos a Instrução *Redemptionis Sacramentum* (RS) sobre algumas coisas que se devem observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia, com o objetivo, portanto, de melhor aplicar as diretrizes litúrgicas na Igreja e evitar alguns abusos litúrgicos.

De acordo com a referida Instrução, a reforma litúrgica do Concílio tem introduzido grandes vantagens e oportunidades para uma participação mais consciente, ativa e frutuosa dos fiéis na liturgia de um modo geral e na Sagrada Eucaristia de um modo particular. E acrescenta que, certamente, “não faltam sombras” ou alguns desvios na correta aplicação das normas litúrgicas. E completa a Instrução *Redemptionis Sacramentum* (RS, 4):

“Assim, não se pode calar ante aos abusos, inclusive gravíssimos, contra a natureza da Liturgia e dos sacramentos, também contra a tradição e autoridade da Igreja, abusos que em nossos tempos, não raramente, prejudicam as celebrações litúrgicas em diversos âmbitos eclesiais. Em alguns lugares, os abusos litúrgicos se têm convertido em um costume, no qual não se pode admitir e se deve terminar”.

O objetivo desta Instrução, portanto, é conduzir a esta conformação de nossos sentimentos com os sentimentos de Cristo, expressados nas palavras e ritos da Liturgia. A advertência a respeito da observância das normas litúrgicas é muito clara (RS, 5):

“A observância das normas, que têm sido promulgadas pela autoridade da Igreja, exige que concordem entre si pensamento e a voz, ações externas e a intenção do coração. A mera observância externa das normas, como resultado evidente, contraria a essência da sagrada Liturgia, com a que Cristo quer congregar a sua Igreja, e com ela formar ‘um só corpo e um só espírito’. Por isto, a ação externa deve estar iluminada pela fé e pela caridade que nos unem com Cristo e nos unem aos outros, e suscitam nos outros a caridade com os pobres e necessitados. As palavras e os ritos litúrgicos

são expressão fiel, amadurecida ao longo dos séculos, dos sentimentos de Cristo, nos ensinando a ter os mesmos sentimentos que Ele”.

E por que esta observância às normas litúrgicas é necessária em nossos dias? A *Redemptionis Sacramentum* assim responde (RS, 6):

“Os abusos, sem dúvida, ‘contribuem para obscurecer a reta fé e a doutrina católica sobre este admirável Sacramento’. Desta forma, também se impede que possam ‘os fiéis reviver de algum modo a experiência dos discípulos de Emaús: então se lhes abriram os olhos e o reconheceram’. Convém que todos os fiéis tenham e revivam aqueles sentimentos que receberam pela paixão salvadora do Filho Unigênito, que manifesta a majestade de Deus, já que estão ante à força, à divindade e ao esplendor da bondade de Deus, especialmente presente no sacramento da Eucaristia”.

A Instrução *Redemptionis Sacramentum* alerta para o fato de que “os abusos” litúrgicos mais frequentes têm sua origem, na maioria das vezes, em um conceito falso de liberdade litúrgica, ou mesmo se fundamentam na ignorância litúrgica, já que quase sempre se rejeita aquilo que não se compreende em seu sentido mais profundo. Por isso, deve-se ter o cuidado de não romper este vínculo que os sacramentos têm com o mesmo Cristo que os instituiu e com os acontecimentos sobre os quais a Igreja tem sido fundada, uma vez que isso não representaria nada vantajoso à fé dos fiéis, mas sim poderia ser algo extremamente danoso à sua fé (RS, 10).

“De fato, a sagrada Liturgia está estreitamente ligada com os princípios doutrinários, por que o uso de textos e ritos que não têm sido aprovados leva a uma diminuição ou desaparecimento do nexos necessário entre a *lex orandi* e a *lex credendi*”.

E completa a Instrução *Redemptionis Sacramentum* (RS, 11):

“O Mistério da Eucaristia é demasiado grande ‘para que alguém possa permitir tratá-lo ao seu arbítrio pessoal, pois não respeitaria nem seu caráter sagrado, nem sua dimensão universal’. Quem age contra isto, cedendo às suas próprias inspirações, embora seja sacerdote, atenta contra a unidade substancial do Rito romano, que se deve cuidar com decisão, e realiza ações que, de nenhum modo, correspondem com a fome e a sede do Deus Vivo, que o povo de nossos tempos experimenta, nem a um autêntico zelo pastoral, nem serve à adequada renovação litúrgica, mas sim defrauda o patrimônio e a herança dos fiéis com atos arbitrários que não beneficiam a verdadeira renovação e sim lesionam o verdadeiro direito dos fiéis à ação litúrgica, à expressão da vida da Igreja, de acordo com sua tradição e disciplina. Além disso, introduzem na mesma celebração da Eucaristia elementos de discórdia e de deformação, quando ela tem, por sua própria natureza e de forma eminente, de significar e de realizar admiravelmente a Comunhão com a vida divina e a unidade do povo de Deus. Estes

atos arbitrários causam incerteza na doutrina, dúvida e escândalo para o povo de Deus e, quase inevitavelmente, uma violenta repugnância que confunde e aflige com força a muitos fiéis em nossos tempos, em que frequentemente a vida cristã sofre o ambiente, muito difícil, da 'secularização'".

A Instrução lembra que todos os fiéis cristãos gozam do direito de celebrar uma liturgia verdadeira, especialmente a celebração da santa Missa, que seja tal como a Igreja tem querido e estabelecido, como está prescrito nos livros litúrgicos e nas outras leis e normas. Além disso, o povo católico tem direito a que se celebre por ele, de forma íntegra, o santo Sacrifício da Missa, conforme toda a essência do Magistério da Igreja. Finalmente, a comunidade católica tem direito a que de tal modo se realize para ela a celebração da Santíssima Eucaristia, que apareça verdadeiramente como sacramento de unidade, excluindo absolutamente todos os defeitos e gestos que possam manifestar divisões e facções na Igreja (RS, 12).

E por quê? Porque na liturgia o mistério se realiza pela celebração do rito. É o que nos lembra a *Sacrosanctum Concilium*: que Cristo está sempre presente em sua Igreja, e especialmente nas ações litúrgicas (SC, 7). Assim, a estrutura de uma ação litúrgica está no encontro entre a ação divina (graça) e a ação humana (vida). Ação divina e ação humana se integram no ritual litúrgico numa harmoniosa conjunção de orações, saudações, silêncios, cantos e reflexões.¹⁷

É importante lembrar, por exemplo, que na oração litúrgica não cabem "outras orações ou devoções". Sobretudo antes do Concílio Vaticano II, era normal ver o povo rezar o terço, fazer via-sacra ou outra prática de piedade durante a missa. Porém, este Concílio ensina que cada coisa deve ter seu tempo e lugar (SC, 13).

"Os piedosos exercícios do povo cristão, conquanto conformes às leis e normas da Igreja, são encarecidamente recomendados, sobretudo quando são feitos por ordem da Sé Apostólica. Gozam ainda de especial dignidade as práticas religiosas das Igrejas particulares, que se celebram por ordem dos Bispos, conforme os costumes ou livros legitimamente aprovados. Assim, pois, considerando os tempos litúrgicos, estes exercícios devem ser organizados de tal maneira que condigam com a Sagrada Liturgia, dela de alguma forma derivem, para ela encaminhem o povo, pois que ela, por sua natureza, em muito os supera".

¹⁷ BOGAZ, A. e HANSEN, J. "Reforma litúrgica pós-conciliar: renovação e fidelidade". In: **Revista Vida Pastoral**, julho-agosto de 2012, ano 53, nº 285, p. 30-37.

Portanto, não se trata de desprezar os exercícios de piedade, mas de reorientá-los, pois fazem parte da grande oração da Igreja e devem ser alimentados para que o povo possa perceber que a oração, na sua profundidade e grandeza, não se esgota em um só ato.

Permita-nos, ó Pai, que vivamos sempre em nossas assembleias a Boa Nova e que sejamos sempre dignos de desempenhar com zelo, humildade e compromisso o nosso ministério. Que nas nossas assembleias, a comunicação estabelecida por Deus conosco ocorra sempre em clima de oração, encontrando-nos sempre em atitude de escuta atenta. Que, sustentados pela graça de Deus, abracemos a causa do Evangelho de Cristo para assim continuarmos a Sua ação salvadora, imitando-O e entregando a nossa vida para a transformação do mundo.

Até a próxima Mesa, quando continuaremos refletindo sobre a celebração.

Para refletir

1. O diálogo entre Deus e o seu povo tem ocorrido de forma ativa e frutuosa em nossas assembleias litúrgicas?
2. O que podemos fazer para melhorar este diálogo entre Deus e seu povo escolhido?
3. Como estamos valorizando o momento da Liturgia da Palavra em nossas celebrações? Ela provoca alguma consequência na Missão?
4. Qual deve ser a nossa atitude espiritual durante a proclamação da Palavra?
5. O que podemos fazer para melhorar o desempenho dos ministérios dos leitores e salmistas em nossa comunidade? O que de bom já conseguimos?
6. A música litúrgica expressa o mistério de Cristo e a sacramentalidade da Igreja. Como você avalia este sacramental de cantar “a uma só voz” em sua Paróquia? Trata-se de uma participação ativa e plena de todo o povo, ou de apenas um pequeno “grupo de canto”?
7. Como você percebe a importância e a necessidade do respeito às normas litúrgicas na Igreja?
8. Você consegue identificar alguns abusos que são cometidos nas celebrações litúrgicas em sua Paróquia? Quais são?

MESA 4 – A CELEBRAÇÃO

Como estudamos nas mesas anteriores, a celebração é parte integrante da vida humana de um modo geral. Os acontecimentos significativos para a experiência humana normalmente são vividos com uma celebração (festa). Vários aspectos da vida individual, familiar, social e religiosa de homens e mulheres de todas as culturas, religiões e de diferentes meios e níveis sociais são celebrados. Qualquer verdadeira celebração começa sempre com a convocação e consiste numa reunião. Aqueles que estão unidos por meio de determinados vínculos (conhecidos, amigos, familiares), reúnem-se para celebrar.

No campo religioso não é diferente. É exatamente isso que fazemos. Nós também nos reunimos para celebrar plenamente o nosso encontro com Deus na obra da salvação. Deus, que se revelou ao povo do Antigo Testamento, que falou pela boca dos profetas, se manifesta de modo definitivo em Cristo. É Nele que o projeto de Deus se realiza definitivamente, sendo o Seu Mistério Pascal o centro da história da salvação. Na Liturgia, pela Ação do Espírito Santo, celebramos então os acontecimentos da nossa vida inseridos no Mistério Pascal de Cristo.

O documento sobre a **Animação da Vida Litúrgica no Brasil**, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que oferece à Igreja local “elementos de Pastoral Litúrgica”, diz que:

“Na liturgia sempre se celebra a totalidade do Mistério de Cristo e da Igreja, com todas as dimensões. A vida se manifesta não somente nos momentos fortes do culto, mas também no esforço por crescente comunhão participativa; na consciência de sua vocação missionária; no empenho pela acolhida e animação catequética da Palavra; no espírito de amplo diálogo ecumênico e na séria, corajosa e profética ação transformadora do mundo.”¹⁸

Fica, pois, evidente que nós, assembleia litúrgica, celebramos conforme estudamos nas mesas anteriores; que celebramos com toda a nossa vida, em todas as suas dimensões, o que possuímos de mais sagrado: o nosso encontro com o Senhor da Vida; e que, para bem celebrar esse encontro, a Santa Mãe Igreja organizou os diversos aspectos do único mistério pascal no Tempo Litúrgico.

¹⁸ CNBB. **Animação da vida litúrgica no Brasil**. Brasília, Coleção Documentos da CNBB nº 43, São Paulo: Edições Paulinas, 1989, p. 23.

Nesta mesa avançaremos um pouco mais sobre a celebração da liturgia. Como a celebramos? Como acontece o ato celebrativo? O que nos chama a atenção no espaço celebrativo?

Veremos, pois, a liturgia como ação simbólica, no sentido mais pleno. Pensaremos na beleza de todo o ato celebrativo, desde a assembleia reunida até a pequenina chama da vela que arde e que nos remete ao abismo do mistério de Deus.

4.1- Elementos da celebração

Na celebração litúrgica há elementos comuns. O Catecismo da Igreja Católica agrupa-os desta forma: sinais e símbolos; palavras e ações; canto e música; as santas imagens.

A Celebração é o meio pelo qual o Pai, mediante o Filho, no Espírito, continua a obra de Redenção e Salvação no mundo. Deus se comunica conosco por meio de gestos, palavras e sinais, enfim, por meio de realidades simbólicas. O Catecismo da Igreja Católica afirma que a “celebração sacramental é ‘tecida de sinais e de símbolos’” (CIC, 1145).

Os sinais e os símbolos ocupam um lugar muito importante na vida humana. Por meio deles, o ser humano apresenta realidades que de outro modo não seria capaz de exprimir nem comunicar. ALDAZÁBAL define sinal e símbolo da seguinte forma:¹⁹

“O **sinal** é uma coisa que vemos e nos leva a conhecer algo que não vemos: como, na fumaça, a existência do fogo; nas pegadas, a passagem de um animal”.

“Os **símbolos** contêm a realidade que significam, tornam-na presente e põem-nos em relação com ela (a oferta, como sinal de amor). Todo o símbolo é sinal, mas nem todo o sinal é símbolo”.

Na liturgia, o símbolo é a linguagem por excelência; é a linguagem do mistério. O símbolo sempre aponta para além dele próprio. Os sinais e símbolos que usamos na Celebração “*foram escolhidos por Cristo ou pela Igreja*” (SC, 33). Eles nos convidam a ir além do que podemos ver, ouvir, tocar, cheirar, saborear e sentir, favorecendo nossa comunicação com Deus, realizando aquilo que significam. Os símbolos são realidades criadas que “podem tornar-se o lugar de expressão da ação de Deus que santifica os homens, e da ação dos homens que prestam seu culto a Deus” (CIC 1148).

¹⁹ ALDAZÁBEL, José. **Vocabulário Básico de Liturgia**, op. cit., p. 358.

O Catecismo da Igreja Católica nos afirma ainda que a Celebração litúrgica é feita de (CIC, 1189):

“**Sinais e símbolos** que se referem à criação (luz, água, fogo), à vida humana (lavar, ungir, partir o pão) e à história da salvação (os ritos da Páscoa). Inseridos no mundo da fé e assumidos pela força do Espírito Santo, esses elementos cósmicos, esses ritos humanos, esses gestos memoriais de Deus se tornam portadores da ação salvadora e santificadora de Cristo”.

Como podemos ver, os símbolos nos comunicam a verdade inefável de Deus que não conseguimos traduzir em palavras, pois o mistério que celebramos é para ser vivido e não explicado. Contudo, não se exclui a catequese mistagógica dos sacramentos, como sempre foi acentuado pelos Padres da Igreja.

Sem dúvida, as ações simbólicas são já, só por si, uma linguagem. Além dos símbolos e sinais, a Palavra é outro elemento importante na vivência litúrgica, pois o próprio Deus nos comunica o seu amor, quando é proclamada a Sua palavra na celebração litúrgica. A *Sacrosanctum Concilium* nos afirma que Cristo está presente "pela sua palavra, pois é Ele mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja" (SC, 7).

A palavra é sempre uma iniciativa gratuita de Deus, à qual o homem responde por meio da fé. A esse respeito, o Catecismo da Igreja Católica nos adverte que “é preciso que a Palavra de Deus e a resposta da fé acompanhem e deem vida a estas ações, para que a semente do Reino produza os seus frutos em terra boa (CIC, 1153).”

Enfim, as palavras e as ações litúrgicas são inseparáveis e constituem os sacramentos, por meio dos quais o Espírito Santo “realiza também as ‘maravilhas’ de Deus anunciadas pela Palavra: torna presente e comunica a obra do Pai, realizada pelo Filho muito amado" (CIC, 1155).

Pensemos agora sobre o canto e a música também como elementos constitutivos da ação celebrativa. Vejamos o que nos diz o Catecismo a esse respeito (CIC, 1157):

“Eles desempenham sua função de sinais de maneira tanto mais significativa por estarem intimamente ligados à ação litúrgica, segundo três critérios principais: a beleza da oração, a participação unânime da assembleia nos momentos previstos e o caráter solene da celebração. Participam assim da finalidade das palavras e das ações litúrgicas: a glória de Deus e a santificação dos fiéis”.

A música unida ao espaço litúrgico nos ajuda a penetrar no mistério que celebramos; a esse respeito, a Instrução Geral sobre a liturgia das horas (IGLH, 270) diz “ela não é coisa que se acrescenta à oração, como algo extrínseco, mas muito mais, como algo que brota das profundezas do espírito de quem reza e louva a Deus!”

Por meio da música, nos sentimos acolhidos por Deus e por isso podemos fazer o que nos pede o Salmo 149,1: “Cantai ao Senhor Deus um canto novo, e o seu louvor na assembleia dos fiéis”

Por último, o Catecismo nos apresenta as Santas imagens que, associadas à meditação da Palavra de Deus e ao canto, destinam-se a despertar e a alimentar a nossa fé no mistério de Cristo.

“Através do ícone de Cristo e das suas obras de salvação, é a Ele que adoramos. Através das imagens sagradas da Santa Mãe de Deus, dos anjos e dos santos, veneramos as pessoas que nelas vemos representadas” (CIC, 1192).

4.2- O espaço celebrativo

Vejamos agora o espaço celebrativo também como realidade simbólica que nos ajuda a perceber a presença amorosa de Deus na celebração da divina liturgia. O próprio espaço celebrativo deve nos comunicar essa presença e nos convidar ao recolhimento e à oração.

Na celebração litúrgica, os pontos mais importantes são: o altar, a mesa da Palavra e a cadeira do sacerdote.

O altar é o centro da Igreja, o lugar do sacrifício e a mesa à qual somos convidados a participar do banquete pascal. A Instrução Geral do Missal Romano afirma que

"O altar, onde se torna presente o sacrifício da cruz sob os sinais sacramentais, é também a mesa do Senhor na qual o povo de Deus é convidado a participar por meio da Missa; é ainda o centro da ação de graças que se realiza pela Eucaristia" (IGMR, 296).

A mesa da Palavra é o lugar digno da proclamação da Palavra de Deus. Ela nos evoca a presença viva do Senhor falando para o seu povo.

A cadeira do sacerdote representa sua função de presidente da assembleia e guia da oração. Como vemos na nova Instrução Geral do Missal Romano (IGMR, 310):

"A cadeira do sacerdote celebrante deve manifestar a sua função de presidir a assembleia e dirigir a oração".

Em outras palavras, como já dissemos, a cadeira presidencial em destaque evoca a presença invisível do Cristo que preside a Liturgia na pessoa do ministro.

Outro ponto sagrado e nobre na Igreja é o Sacrário, onde fica a reserva do Santíssimo, possibilitando a adoração ao Senhor presente (CIC 1182-1184).

Temos também sinais importantes, como a cruz e as imagens que nos ajudam a gravar na memória os mistérios sagrados e depois vivenciá-los. Temos ainda os livros litúrgicos, os vasos sagrados, os ornamentos, as alfaias, as luzes, as flores...

Mas tudo isso será ponto de estudo da nossa próxima mesa. Lá, continuaremos estudando sobre o processo de comunicação na liturgia.

Que o nosso crescimento litúrgico nos ajude a celebrar e a viver bem a liturgia, levando-nos a assumir atitude de oração, unindo-nos ainda mais ao mistério de Cristo e ao seu diálogo de Filho com o Pai. Rezemos ao Senhor para sermos cada dia mais conscientes, de fato, de que a Liturgia é ação de Deus e do homem; oração que vem do Espírito Santo e de nós mesmos, inteiramente voltada ao Pai, em união com o Filho de Deus feito homem.

Para refletir:

- 1- As nossas celebrações litúrgicas favorecem a nossa participação no Mistério Pascal de Nosso Senhor Jesus Cristo? De que modo?
- 2- Você já se preocupou em conhecer corretamente o nome e a função dos sinais e símbolos utilizados em nossas celebrações litúrgicas?
- 3- O espaço celebrativo em sua Paróquia é bem cuidado? Ele realmente comunica essa presença de Deus e nos convida ao recolhimento e à oração?
- 4- Como você avalia o estilo da construção, a disposição do altar, dos bancos ou cadeiras em sua Paróquia? Mostra o rosto de uma comunidade de irmãos e irmãs que se reúnem ao redor de Cristo para celebrar sua obra de salvação?

MESA 5 - A COMUNICAÇÃO NA LITURGIA

Nesta Mesa, faremos um passeio pelas mesas anteriores, recordando tudo o que já estudamos, mas daremos ênfase ao processo de comunicação que ocorre na Sagrada Liturgia.

Se entendemos que a liturgia “**é fonte e cume da vida cristã,**” e que ela deve ser vivida por todos de forma “**ativa, consciente e frutuosa**”, precisamos de fato compreendê-la como um processo de comunicação eficaz que nos leva ao encontro com Cristo (SC, 10 e 11).

A liturgia que não nos comunica a beleza do amor de Deus, não nos transforma, nem nos capacita para o testemunho profético na sociedade. É necessário que vivamos este encontro, sabendo a quem encontramos, por que encontramos, como encontramos e onde encontramos. Para isso, não basta que O encontremos somente no plano intelectual; precisamos deixar o Espírito Santo agir em nosso favor para que o nosso encontro seja de fato intenso e produza frutos.

Como já afirmamos anteriormente, a liturgia é um diálogo amoroso de Deus com seu povo pela mediação de Jesus Cristo.

A liturgia em si é comunicação. É a arte do encontro com o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, na comunidade Igreja. Nesse processo comunicativo, Cristo é o emissor - “Este é o meu Filho amado, ouvi-o”, nos diz o Pai; é o receptor da comunicação de Deus à humanidade e desta com Deus - “Ninguém vai ao Pai se não por mim” (Jo 14,6), Ele nos diz. É também o canal, pois assim se apresenta: “Eu sou o caminho”; completa nos dizendo “a verdade e a vida” (Jo 14,6).

Na liturgia, a comunicação deve favorecer a comunhão, por meio da participação no Mistério Pascal. Na mesa anterior afirmamos que a “celebração sacramental é ‘tecida de sinais e de símbolos’” e que a linguagem da liturgia, que é em si um símbolo, também inclui outros símbolos e ações simbólicas (CIC, 1145).

A comunicação na liturgia se realiza por códigos diferentes: gestos e posturas (andar, inclinar-se, comer, beber, falar, cantar, aspergir, ficar de pé, ajoelhar-se), sinais (pão, vinho, cálice, água, fogo, livro, vestimentas, altar, crucifixo) e os elementos do meio (arte e arquitetura, cor e textura, luz e sombra, som e silêncio).

Em termos de comunicação, tudo é importante na liturgia. É preciso que o nosso agir, o nosso pensar e o nosso sentir nos levem a uma verdadeira comunicação com Deus. Por que estou fazendo isso? O que isto me faz sentir? Como estou vivenciando isto?

Em tudo devo me configurar a Cristo, superando a diferença entre o agir de Cristo e o nosso próprio agir, entre a sua vida e a nossa vida, entre o seu sacrifício de adoração e o nosso, de tal maneira que exista um único agir, seu e ao mesmo tempo nosso. Assim conseguiremos afirmar como São Paulo:

“Fui crucificado com Cristo; já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 19-20).

5.1- A linguagem litúrgica

Na liturgia, é importante a expressão corporal, pois ela deve nos ajudar a manifestar a beleza e o mistério que a liturgia encerra. O corpo todo fala. É importante cuidarmos da nossa postura: olhar para as pessoas e criar uma relação com elas. O olhar deve ser sereno, acolhedor, seguro, alegre, confiante. A postura deve ser ereta, firme. O rosto deve ser expressivo. Deve haver sintonia entre a palavra, o sentimento e a expressão facial. Os gestos muitas vezes falam mais forte que as palavras que pronunciamos. Devemos entender o que estamos fazendo, para assim valorizarmos o seu significado. É importante que haja unidade nos gestos por parte da assembleia, exigindo de nós espírito de desprendimento e superação de nossos gostos pessoais.

Você já observou que todo o nosso corpo é envolvido na celebração? Vejamos o significado de cada gesto que fazemos:

- **Inclinar a cabeça:** em sinal de respeito e reverência ao ouvirmos os nomes de Jesus, Maria e do Santo do dia e para receber as bênçãos; diante do Altar e do celebrante, durante a celebração.
- **Elevar os olhos:** Jesus, em momentos solenes, elevava os olhos ao céu, expressando sua íntima comunhão com o Pai. O homem é chamado a contemplar Deus face a face, e a liturgia é um antegozo dessa contemplação.

- **Beijo ou ósculo:** sinal de reverência, de comunhão, de amor. Expressão de afeto ao Cristo que está presente no altar, no Evangelho, na pessoa do cristão e nos símbolos litúrgicos.
- **Silêncio:** é de grande valor na oração. Ajuda-nos a nos concentrarmos para nos aprofundarmos nos mistérios da fé: “O Senhor fala no silêncio do coração”.
- **Genuflexão:** ato de adoração feito diante do Santíssimo Sacramento e da Cruz, na adoração da Santa Cruz.
- **Prostração:** os orientais se prostravam com o rosto por terra, para orar. Jesus fez isso no Horto das Oliveiras. Hoje, é atitude própria de quem se consagra a Deus, como na Ordenação Sacerdotal. Significa morrer para o mundo e nascer para Deus com a vida nova e nova missão.
- **Ficar de pé:** prontidão, resposta, disposição de ação. Posição do ressuscitado.
- **Estar sentado:** acolhimento e meditação.
- **Ajoelhar-se:** respeito, humildade, arrependimento, adoração.
- **Sinal da cruz:** é uma profissão de fé batismal, trinitária, identificação com Cristo Crucificado.
- **Bater no peito:** sinal de arrependimento e desejo de conversão. Usa-se no ato penitencial no início da Missa.
- **Persignação:** a cruz na testa lembra que o Evangelho deve ser entendido, estudado, conhecido; a cruz nos lábios lembra que o evangelho deve ser proclamado, anunciado (missão de todo cristão); e a cruz no peito, à altura do coração, nos indica que o evangelho, acima de tudo, deve ser vivido, pregado e testemunhado por todos os que acreditam que Cristo ressuscitou.
- **Mãos levantadas:** atitude de orante. Significa súplica. Entrega a Deus.
- **Mãos juntas:** significam recolhimento interior. Fé, súplica, confiança, entrega da vida. É uma atitude de piedade.
- **Mãos unidas:** recolhimento, devoção, oração.
- **Dar as mãos:** saudação fraterna, unidade, compromisso sagrado.

- **Procissão de entrada:** expressão do povo de Deus a caminho da Terra prometida, reunido para celebrar sua caminhada e alimentar-se com o Pão do Céu.
- **Procissão do Evangelário:** simboliza Jesus que se levanta na assembleia para dirigir sua Palavra aos seus fiéis, que O saúdam, O aclamam, para ouvir com atenção sua Palavra.
- **Procissão das oferendas:** A assembleia une-se a Cristo para oferecer-se ao Pai.
- **Procissão da Comunhão:** o Povo de Deus que se alimenta do Pão da Vida para prosseguir seu caminho rumo a Deus.

5.2- Vestes litúrgicas


As **vestes litúrgicas** são meios de comunicação na vivência litúrgica, que criam um clima de alegria e festa pela salvação de Cristo.

As cores das vestes litúrgicas acompanham o Tempo Litúrgico e têm significado próprio:



- **Verde:** simboliza a esperança que todo cristão deve professar. Usada nas missas do Tempo Comum.
- **Branco:** simboliza a alegria cristã e o Cristo vivo. Usada nas missas de Natal, Páscoa, Corpus Christi, Festas de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, Festas de Santos, exceto os mártires, quando se usa vermelho, etc. Nas grandes solenidades pode ser substituída pelo amarelo ou, mais especificamente, o dourado.
- **Vermelho:** simboliza o fogo purificador, o sangue e o martírio. Usada nas missas de Pentecostes e santos mártires.
- **Roxo:** simboliza a preparação, penitência ou conversão. Usada nas missas da Quaresma e do Advento.
- **Rosa:** é uma cor intermediária entre o roxo (da Quaresma ou Advento) e o branco (da Páscoa ou Natal). Simboliza a alegria que já se aproxima, a Páscoa e o Natal, usada, exclusivamente, no terceiro domingo do Advento (chamado domingo Gaudete) e no quarto domingo da Quaresma (chamado domingo Laetare).

- **Azul:** em desuso, usada nas missas em dedicação à Nossa Senhora, simboliza o Manto Azul de Nossa Senhora.
- **Preto:** também em desuso, simboliza a morte. Usada em funerais, vem sendo substituída pela cor Roxa.

Vestes litúrgicas mais utilizadas:

	<p>Alva: veste litúrgica na cor branca. É uma túnica longa, de cor branca, amarrada na cintura por um cordão grosso chamado cíngulo.</p>
	<p>Cíngulo: corda com a qual o sacerdote aperta a alva na altura da cintura.</p>
	<p>Casula: manto utilizado por padres e bispos, simbolo do suave jugo de Cristo. É exclusiva do sacerdote. Trata-se de um manto que se veste sobre a alva e a estola. O diácono usa a dalmática sobre a alva e a estola.</p>
	<p>Estola: faixa que simboliza o serviço sacerdotal. Veste litúrgica do sacerdote. A estola fica encoberta quase totalmente pela casula.</p> <p>A estola do diácono difere da do sacerdote: é colocada em diagonal, correndo do ombro esquerdo à cintura direita.</p>
	<p>Batina: túnica preta. Hábito talar usado pelos clérigos seculares e regulares que não possuem hábito próprio. É negra, possui 33 botões na parte central e 5 em cada manga, estendendo-se até os calcanhares.</p>





	<p>Sobrepeliz: veste litúrgica, usada em cerimônias religiosas, em geral de cor branca, de comprimento pouco acima dos joelhos, com mangas largas e folgadas.</p>
	<p>Amito: véu branco que o sacerdote passa sobre a cabeça e com que cobre os ombros. É uma peça que o sacerdote põe sobre os ombros ao se vestir com os paramentos para a celebração eucarística. É posto antes da alva.</p>
	<p>Solidéu: pequena calota que os clérigos usam na cabeça. Preto: padres; preto com frisos violáceos: Monsenhores; violeta: bispos; vermelho: cardeais; e branco: o santo Padre, o Papa.</p>
	<p>Dalmática: veste própria dos diáconos.</p>
	<p>Véu umeral: pano com o qual se cobre o ombro do sacerdote enquanto concede a benção eucarística ou translada o Santíssimo Sacramento. Usado também para segurar relíquias e os santos óleos, o véu umeral consta de um paramento quadrado posto sobre os ombros. Durante as procissões, ao conduzir o Santíssimo, o sacerdote usa a capa pluvial.</p>

	<p>Capa de asperge: paramento litúrgico usado sobretudo no exterior, mas também dentro das igrejas para bênçãos e aspersões com água benta, casamentos sem missa e para os solenes ofícios divinos.</p>
	<p>Pálio: serve para cobrir, como sinal de distinção e honra, nos cortejos e procissões solenes, a pessoa ou objeto que mais se pretende honrar.</p>

As **Insígnias Episcopais** compreendem objetos que simbolizam o poder, a jurisdição, a prudência, o amor e a fidelidade do bispo à Igreja e àqueles que lhe foram confiados. São elas:

- **Pálio:** uma espécie de colarinho de lã branca, com cerca de 5 cm de largura e dois apêndices: um na frente e outro nas costas, com 6 cruzes bordadas ao seu longo. Expressa a unidade com o sucessor de Pedro.
- **Báculo:** bastão ou cajado utilizado pelos bispos. Símbolo do ofício de Bom Pastor, que guarda e acompanha com solicitude o rebanho que lhe foi confiado pelo Espírito Santo.
- **Mitra:** insígnia com que os bispos cobrem a cabeça em certos momentos das celebrações litúrgicas, indicando que o poder do Bispo vem de Deus, o qual lhe concede esta “coroa da justiça”.
- **Cruz peitoral:** recorda ao Bispo que ele é o representante de Jesus Cristo e que sua missão é anunciar o mistério da Morte e Ressurreição de Jesus Cristo.
- **Anel:** insígnia usada constantemente pelo bispo para lembrá-lo da fidelidade e da união nupcial que fez com a Igreja, sua esposa.

As **alfaias** são os pequenos panos e objetos encapados com tecido que se usa junto aos vasos sagrados.

	<p>Corporal: pano quadrangular de linho com uma cruz no centro. Espécie de guardanapo onde se depositam os vasos sagrados para a consagração.</p>
	<p>Sanguíneo: ou purificatório. É um tecido retangular com o qual o sacerdote, depois da comunhão, limpa o cálice e, se for preciso, a boca e os dedos.</p>
	<p>Manustérgio: pequena toalha usada junto do lavabo, com a qual o sacerdote enxuga as mãos depois de ar ter lavado. Toalha usada para purificar as mãos.</p>
	<p>Pala: cobertura quadrangular, revestido de pano, utilizado para cobrir a patena e o cálice.</p>
	<p>Conopéu: cortina colocada na frente do sacrário. Ou véu que cobre a porta do sacrário. Varia segundo a cor do tempo. Em alguns lugares também se chama de conopéu o véu do cibório.</p>
	<p>Véu de cibório: pequena capa de seda branca que cobre a âmbula. É sinal de respeito para com a Eucaristia.</p>



Bolsa do Corporal / Burça: bolsa formada por duas partes rígidas encapadas e unidas por tecido. Usada para portar o corporal e colocada sobre o véu do cálice. Sua cor varia com a do tempo.

5.3- Objetos litúrgicos

Os **objetos litúrgicos** são aqueles que servem ao culto divino e ao uso sagrado, razão pela qual não podem ser manuseados de modo displicente, muito menos de forma desrespeitosa. Os objetos usados no culto divino devem ser feitos de materiais nobres, ornados de tal forma que invoquem a riqueza dos mistérios a que eles servem.


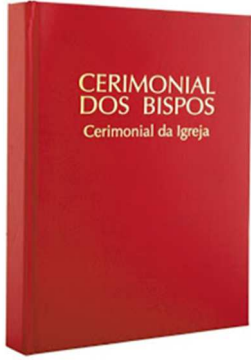
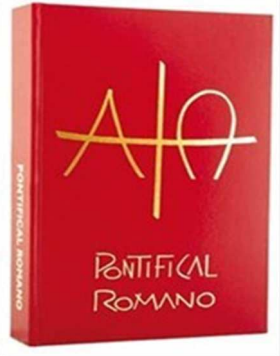
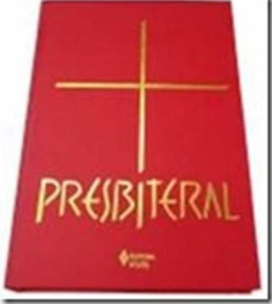
A *Sacrosanctum Concilium* assim descreve a importância da dignidade dos objetos utilizados na liturgia (SC, 122):

“A arte sacra é a expressão máxima da arte religiosa, que, por sua vez, faz parte das artes liberais, consideradas dentre as mais altas realizações do engenho humano. Por sua natureza, está voltada para a manifestação da beleza divina em formas humanas, para o louvor e a glória de Deus, não tendo senão o objetivo de orientar piedosamente para Deus a mente humana e contribuir para sua conversão”. (...)

“A Igreja olhou sempre com o maior cuidado pelos objetos do culto, para que fossem dignos e decorosos, analisando todas as modificações de material, de forma e de ornamentação e admitindo inovações, de acordo com o progresso da técnica, no decurso do tempo”.

Objetos litúrgicos mais utilizados:

	<p>Missal: principal livro da Missa onde se encontra o ordinário, orações sacerdotais próprias de cada dia e, na forma extraordinária, também a epístola e o Evangelho.</p>
	<p>Evangelário: livro contendo os Santos Evangelhos. Entra na procissão de entrada da Santa Missa conduzido pelo diácono.</p>
	<p>Leccionário: Leccionário é o livro usado para se fazer as leituras, na forma ordinária. Os leccionários contêm leituras, sequências, salmos, aclamação ao evangelho e, ainda, o próprio evangelho. Dentre os leccionários temos:</p> <ul style="list-style-type: none">➤ Leccionário Dominical;➤ Leccionário Semanal (em dois volumes);➤ Leccionário Santoral;➤ Leccionário do Pontifical Romano. <p>Existem ainda os leccionários para a liturgia das horas. Usa-se os leccionários sempre no ambão.</p>

	<p>Sacramentário: é um livro que apresenta os vários ritos dos sacramentos e sacramentais, congregando as celebrações mais usadas pelos sacerdotes em sua atuação pastoral, como batismo, penitência, matrimônio, unção dos enfermos e exéquias.</p>
	<p>Cerimonial dos Bispos: livro que reúne as rubricas de todas as celebrações de cunho episcopal.</p>
	<p>Pontifical: livro que reúne os textos das celebrações presididas pelo bispo como crisma, ordenações, etc.</p>
	<p>Presbiteral: uma compilação dos rituais dos sacramentos geralmente administrados pelo presbítero, análogo ao pontifical. Não é um livro tradicional do rito romano, mas vem se mostrando mais útil que o tradicional.</p>

	<p>Rituais: chamamos de rituais, os livros que contém os rito de sacramentos e sacramentais, listados a seguir:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Ritual do Batismo de Crianças; ➤ Ritual das Exéquias; ➤ Ritual da Iniciação Cristã de Adultos; ➤ Ritual da Unção dos Enfermos; ➤ Ritual da Sagrada Comunhão e Culto Eucarístico Fora da Missa; ➤ Ritual da Penitência ➤ Ritual de Bênçãos; ➤ Ritual do Matrimônio; ➤ Ritual do Exorcismo e outras súplicas.
	<p>Ostensório ou Custódia: é o objeto que serve para expor o Santíssimo para a adoração dos fiéis e também para dar a bênção eucarística. Nele há a parte central fixa, chamada de custódia, que contém uma parte móvel, transparente, circular, a luneta, onde se coloca a hóstia consagrada para adoração.</p>
	<p>Bandeja da Comunhão: pequeno prato, geralmente munido de aste, usado durante a comunhão sob o queixo daquele que comunga para evitar que se perca alguma partícula das sagradas espécies.</p>
	<p>Candelabro: suporte para velas.</p>

	<p>Teca: pequeno estojo, geralmente de metal, onde se leva a Eucaristia para os doentes.</p>
	<p>Cruz: cruz com um cabo maior, utilizada nas procissões. Além da cruz processional, que abre a procissão de entrada, há um crucifixo menor, que fica sobre o altar, durante a Missa.</p>
	<p>Tochas: suportes para as velas utilizadas nas procissões.</p>
	<p>Turíbulo: é o objeto utilizado na incensação. Nele é colocado o incenso, uma resina aromática, sobre a brasa. O incenso, que simboliza a oração elevada a Deus, é depositado no turíbulo, pelo sacerdote, e guardado na Naveta, um pequeno vaso utilizado para o seu transporte.</p>
	<p>Naveta: objeto utilizado para se colocar o incenso, antes de queimá-lo no turíbulo. Vaso em forma de nave, de onde vem seu nome, que porta o incenso a ser colocado no turíbulo.</p>

	<p>Cálice: taça onde se coloca o vinho que vai ser consagrado. O mais digno dos vasos sagrados. É usado para portar o preciosíssimo Sague de Jesus Cristo.</p>
	<p>Galhetas: dois recipientes onde se colocam a água e o vinho para a celebração da Missa.</p>
	<p>Âmbula ou Cibório: recipiente onde se guardam as hóstias. Também chamada de cibório ou píxide; é utilizada para a conservação e distribuição das hóstias consagradas aos fiéis.</p>
	<p>Patena: prato onde é colocada a Hóstia Grande. Pequeno prato, geralmente de metal, utilizado na consagração do pão. Também é usada na distribuição da comunhão, para prevenir a possibilidade de queda das partículas consagradas ou partes delas.</p>
	<p>Lavabo: usada com o jarro para as purificações litúrgicas. Conjunto de bacia e jarro com que o sacerdote lava as mãos ao fim do ofertório. O acompanha uma alfaia: o manustérgio.</p>
	<p>Caldeira: vaso litúrgico próprio para água benta.</p>

	<p>Aspersório ou Hissopo: utilizado para aspergir o povo com água benta. Objeto usado para aspergir a assembleia ou um objeto com água benta.</p>
	<p>Sacrário ou Custódia: local onde são guardadas as reservas Eucarísticas não consumidas durante a celebração. É ornado, trancado à chave e possui uma luz acesa constantemente para indicar a presença do Santíssimo.</p>
	<p>Castiçal: usado para portar as velas; durante a liturgia permanece sobre o altar em número de dois, quatro, seis ou, se missa do Bispo, sete. Também é levado nas procissões.</p>
	<p>Círio Pascal: uma vela grande, benzida na missa solene da Vigília Pascal, no Sábado Santo. É utilizado nas missas celebradas durante o Tempo Pascal e também, no ano inteiro, nos batizados. Representa, na liturgia, a luz de Cristo, luz do mundo. Pode-se ler ALFA e ÔMEGA (Cristo: começo e fim).</p>
	<p>Sineta: objeto contendo pequenos sinos. Anunciam a consagração.</p>

	<p>Relicário: objeto parecido com o ostensório, mas utilizado pra expor à veneração as relíquias dos santos.</p>
	<p>Hóstia e partículas: pão não fermentado (ázimo) circular. Ao pão maior chamamos hóstia, consagrada e consumida pelo sacerdote durante a Missa. Aos menores, consagrados e distribuídos aos fiéis, chamamos partículas. Essas, uma vez guardadas no sacrário para adoração dos fiéis, e que são consumidas na missa seguinte, chamamos reserva eucarística.</p>
	<p>Ara: diz-se Ara ou, mais especificamente, Pedra D'Ara a pedra sobre o altar na qual se colocam as relíquias dos Santos.</p>
	<p>Carrilhão: conjunto de sinos, geralmente pequenos, unidos que tocam juntos. Geralmente é usado como campainha durante a consagração.</p>

Móveis que compõem o espaço celebrativo:

- **Altar:** mesa onde se realiza a ceia Eucarística.
- **Mesa da Palavra:** estante de onde é proclamada a palavra de Deus.

- **Credência:** mesinha ao lado do altar, utilizada para colocar os objetos do culto.
- **Cátedra ou Sédia:** cadeira no centro do presbitério, usada pelo celebrante, que manifesta a função de presidir o culto.
- **Genuflexório:** faz parte dos bancos da Igreja. Sua única finalidade é ajudar o povo na hora de ajoelhar-se.

Concluindo, podemos lembrar novamente a Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia, que assim descreve a importância da dignidade dos objetos utilizados na liturgia (SC, 122):

"A Igreja preocupou-se com muita solicitude em que as alfaías sagradas contribuíssem para a dignidade e beleza do culto".

Dessa forma, não cumpre o papel a que se propõem os objetos que não exaltem essa dignidade, tais como cálices de vidro comum ou patenas improvisadas, feitas de materiais desprovidos de valor.

Um símbolo litúrgico será necessariamente simples, pois a realidade que ele nos faz penetrar é também simples, como o é o Criador de todos os mistérios. Portanto, não desprezemos os gestos, as palavras ditas, as vestes, o sagrado rito, por sua simplicidade, para não correremos o risco de desprezarmos também o mistério que esses símbolos escondem e apontam.

Que o nosso crescimento no conhecimento do processo comunicativo não seja um conhecimento meramente racional, mas que nos leve ao encontro profundo e interior com o Senhor que opera a nossa salvação e que alimenta e dá sentido à nossa participação exterior.

Que possamos viver sempre em mais profunda plenitude o mistério celebrado com uma postura de fé e dignidade, lembrando-nos que é o mistério de Cristo que nos envolve, nos atinge e nos alcança com seu poder redentor. Que o Espírito de Deus, que conhece todas as coisas, nos conduza à plena consciência de que tudo deve ser feito para a glória de Deus.

Que a cada gesto que fizermos, palavra que pronunciarmos, o façamos com humildade e simplicidade de coração, tendo em mente que é preciso que eu diminua para que o Cristo em quem creio apareça.

Até a próxima mesa, quando falaremos sobre a inculturação na liturgia.

Para refletir:

- 1- A liturgia é realmente a fonte e o ápice de sua vida cristã? Sua participação na liturgia o capacita para um testemunho profético na sociedade?
- 2- O que podemos fazer para que a nossa participação na liturgia seja ativa, consciente e frutuosa como nos pede a *Sacrosanctum Concilium*?
- 3- Quando você realiza um determinado gesto durante uma celebração, você se preocupa para que este gesto manifeste realmente a beleza que a liturgia encerra?
- 4- Você conhece a função e o significado de cada objeto litúrgico?
- 5- Por que estes objetos litúrgicos devem ser feitos com materiais nobres?

MESA 6 – INCULTURAÇÃO DA LITURGIA

O Concílio Vaticano II ofereceu “normas para uma adaptação [da liturgia] à índole e tradições dos povos”. Trata-se de uma tarefa difícil, ainda não plenamente realizada, e que João Paulo II, na sua Carta Apostólica *Vicesimus Quintus Annus*, assinalou como tarefa prioritária, para que os valores culturais dos povos pudessem se harmonizar com a liturgia cristã, uma vez que o amplo movimento litúrgico e pastoral que estava sendo proposto era portador de esperança para a vida e a renovação da Igreja.

Neste contexto, vale a pena ver mais pormenorizadamente o que diz a *Sacrosanctum Concilium* sobre as “normas provenientes da índole e tradições do povo” (SC, 37-40):

“Não é desejo da Igreja impor, nem mesmo na Liturgia, a não ser quando está em causa a fé e o bem de toda a comunidade, uma forma única e rígida, mas respeitar e procurar desenvolver as qualidades e dotes de espírito das várias raças e povos. A Igreja considera com benevolência tudo o que nos seus costumes não está indissolavelmente ligado a superstições e erros, e, quando é possível, mantê-lo inalterável, por vezes chega a aceitá-lo na Liturgia, se se harmoniza com o verdadeiro e autêntico espírito litúrgico”.

“Mantendo-se substancialmente a unidade do rito romano, dê-se possibilidade às legítimas diversidades e adaptações aos vários grupos étnicos, regiões e povos, sobretudo nas Missões, de se afirmarem, até na revisão dos livros litúrgicos; tenha-se isto oportunamente diante dos olhos ao estruturar os ritos e ao preparar as rubricas”.

“Será da atribuição da competente autoridade eclesiástica territorial, de que fala o art. 22 § 2, determinar as várias adaptações a fazer, especialmente no que se refere à administração dos sacramentos, aos sacramentais, às procissões, à língua litúrgica, à música sacra e às artes, dentro dos limites estabelecidos nas edições típicas dos livros litúrgicos e sempre segundo as normas fundamentais desta Constituição”.

A preocupação, portanto, também é de ordem pastoral, considerando que a pastoral litúrgica se constitui em um objetivo permanente para que a riqueza da liturgia difunda em toda a Igreja a força vital que é Jesus Cristo.

Em 1994, a Congregação para o Culto Divino, depois de uma ampla consulta, publicou o *Diretório sobre A Liturgia Romana e a Inculturação*, que é a melhor reflexão e a norma mais concreta sobre o tema.²⁰

Neste Documento, o Papa lembra que

“A Igreja não deseja impor na liturgia uma forma rígida e única para aquelas coisas que não dizem respeito à fé ou ao bem de toda a comunidade”.

Isto porque a Igreja considera que a diversidade, longe de prejudicar a sua unidade, valoriza-a. Lembra, por exemplo, que a *Sacrosanctum Concilium* já fazia referência a diversos gêneros ou famílias litúrgicas, tendo utilizado o termo “inculturação” para designar com maior precisão “a encarnação do Evangelho nas culturas autóctones e, ao mesmo tempo, a introdução destas culturas na vida da Igreja”.

Neste contexto, o Documento faz uma série de observações preliminares a respeito de conceitos, importantes em matéria litúrgica, como “adaptação”, “aculturação” e “inculturação”.

O termo “**adaptação**”, empregado pelo Concílio Vaticano II, costuma reservar-se hoje para aqueles processos mais simples e de tipo pedagógico. “**Aculturação**” costuma indicar a aceitação, na liturgia, de alguns elementos culturais de um povo que podem exprimir melhor o mistério que se celebra. Melhor seria uma justaposição, e não uma assimilação. Enquanto que “**inculturação**” é o termo preferido para designar o processo mais profundo pelo qual a liturgia e a cultura se enriquecem, dinâmica e mutuamente, a liturgia evangeliza e fecunda as culturas, e, ao mesmo tempo, deixa-se enriquecer pelas mesmas, para exprimir e celebrar o Mistério de Cristo encarnado na mentalidade de um povo.²¹

A inculturação é um processo que, inspirado na Encarnação de Cristo, se realizou continuamente na história da comunidade cristã, tanto na evangelização e na teologia como na celebração litúrgica.

Foi um contínuo esforço de adaptação ao tempo, de progressiva encarnação, assumindo, assimilando, discernindo, transformando os valores culturais em que se moveu a comunidade cristã: quando do mundo cultural judaico se passou ao helênico,

²⁰ Congregação para o Culto Divino. **A Liturgia Romana e a Inculturação**. IV Instrução para uma correta aplicação da Constituição Conciliar sobre a Liturgia. Publicado em 25 de janeiro de 1994.

²¹ Ver também ALDAZÁBEL, José. **Vocabulário Básico de Liturgia**, op. cit., p. 177-179.

e depois ao romano, e, a seguir, ao dos povos bárbaros e assim sucessivamente, nos diversos povos e culturas. Isto deu origem a muitas e diversificadas famílias litúrgicas, que com linguagens e estruturas notoriamente diferentes celebram o mesmo Mistério de Cristo.

Hoje, continua de pé o desafio e a urgência desta inculturação, por encargo do Concílio e das normativas atuais.

O Diretório *A Liturgia Romana e a Inculturação* assinala as exigências prévias e as motivações desta inculturação, a partir da eclesiologia, da natureza da ação litúrgica como obra de Deus e como comunicação do Mistério Pascal de Cristo, da primazia da Palavra e da identidade dos diversos sacramentos da Igreja.

Quando, sob a direção das Conferências Episcopais respectivas, se realizam os estudos que devem configurar uma inculturação litúrgica, deve-se ter em conta que a finalidade de todo este processo é sempre pastoral, ou seja, que a comunidade cristã possa entender e celebrar melhor o que celebra na liturgia, e, além disso, respeitando não só a identidade profunda do mistério celebrado, mas também, no âmbito da Igreja Romana, a unidade substancial do Rito Romano.

Os campos em que, prioritariamente, se convida a estudar esta inculturação, são, além da língua e suas traduções, o da linguagem, o canto e a música, os gestos e atitudes corporais, a arte, etc.

Na liturgia dos Sacramentos, sobretudo, os da Iniciação Cristã, o do Matrimônio e as Exéquias, não só se admite essa inculturação como se fazem convites para a elaboração dos seus respectivos livros litúrgicos.

Naturalmente que se exigem todas as regras de uma sã pedagogia, para realizar e introduzir estas mudanças. Para que, uma vez mais, o Rito Romano demonstre a sua vitalidade e a sua secular capacidade de se encarnar nas diferentes culturas, para celebrar e comunicar eficazmente a salvação universal de Jesus Cristo.

De fato, a fé é vivida sempre em um contexto cultural muito diversificado. O homem cria a sua cultura e nela estabelece também o seu modo de celebrar. Assim temos na liturgia também a influência de uma cultura, devendo ocorrer uma adaptação. Porém, essa adaptação não pode ocorrer de maneira desordenada, mas seguindo critérios firmes estabelecidos pela autoridade competente.

Na liturgia, a ideia de criatividade não é de tipo absoluto, justamente porque na liturgia temos uma parte imutável de Direito Divino. A criatividade não pode desprezar o patrimônio litúrgico acumulado ao longo de dois mil anos na Igreja.

Assim, a inculturação litúrgica não deve trazer nenhum tipo de prejuízo, mas, pelo contrário, deve ser um processo de interação onde ambas saem ganhando: tanto a liturgia que eleva a cultura quanto a cultura que incrementa a liturgia.

Como então a liturgia é inculturada? Quando seus ritos e ações simbólicas, expressões artísticas conseguem refletir o modelo cultural da Igreja local, de uma determinada cultura.

Isso torna também mais fácil a participação do povo, pois este consegue compreender dentro de sua própria experiência aquilo que se celebra e não como algo estranho pertencente a outro padrão de cultura.

Mas esse processo deve acontecer sempre em unidade ao rito universal e, por isso, as mudanças dependem de aprovação da autoridade eclesiástica competente. Não se pode, em nome da inculturação, criar ou inventar coisas dentro do rito e utilizar sem nenhum critério; em outras palavras, não depende da escolha dos celebrantes ou da comunidade.

A cultura também possui elementos que não estão de acordo com a fé e por isso não podem fazer parte da liturgia, como por exemplo, as superstições e credences. A teologia da Igreja não pode ser comprometida na inculturação. Esta tem uma finalidade pastoral, que é fazer com que as pessoas participem melhor.

A liturgia não aceita improvisos, nem criatividade sem fundamento. A inculturação da mesma forma deve ser feita com critérios. Não se pode criar uma outra liturgia em nome da liberdade, da criatividade e da inculturação. Ao mesmo tempo, a liturgia não veio para destruir a cultura e modificar o jeito de um povo de celebrar.

Precisamos ser coerentes nesse processo e estabelecer os limites para isso, contando sempre com a autoridade competente: o papa e o bispo, para que possam manter a ortodoxia e preservar aquilo de mais sagrado que possuímos: que é a nossa liturgia.

Para refletir:

- 1- Você entendeu o significado da inculturação da liturgia?
- 2- Você percebe preocupação dos Sacerdotes e das equipes de liturgia em evitar distorções na liturgia?
- 3- Em quais traços nas celebrações de sua Paróquia você pensa que houve uma “inculturação”?
- 4- Os valores culturais do seu povo (ou país) se harmonizam com a liturgia cristã?
- 5- A pastoral litúrgica em sua Paróquia se constitui em um objetivo permanente para que a riqueza da liturgia difunda em toda a Igreja a força vital que é Jesus Cristo?

MESA 7 – ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

Espiritualidade Litúrgica é aquela que faz da Liturgia (Eucaristia, Sacramentos e Ofício Divino principalmente) os grandes referenciais da vida do cristão.

Quem compreende o que é a Liturgia, há de concluir que a espiritualidade litúrgica é a espiritualidade clássica, ou, por excelência, a espiritualidade da Igreja. Não é própria de alguma corrente particular, mas é fundamental e comum a todos os fiéis, porque todos são chamados a viver a Eucaristia, que tem por preliminar o Batismo e que leva a constituir o corpo eclesial de Cristo.

Ter uma espiritualidade litúrgica, que é uma das primeiras consequências do ser cristão, exige uma catequese ou formação adequada.

A espiritualidade litúrgica não exclui as respostas pessoais do cristão à graça de Deus ou as devoções particulares; ao contrário, deve suscitá-las, de tal modo, porém, que estejam sempre em conformidade com o culto oficial da Igreja. Portanto, a verdadeira liturgia não atrapalha nem concorre com a piedade pessoal ou mesmo popular, como as procissões, novenas. Pelo contrário, sem ferir as rubricas, a integra.²²

A liturgia está unida à espiritualidade. “Espiritualidade” tem a ver com o sentido que damos à vida, aos fatos e acontecimentos. A interpretação que damos a tudo o que vemos é fruto do tipo de espiritualidade, o modo de encararmos as coisas e a leitura que fazemos da realidade. É uma dimensão que ultrapassa a dimensão biológica, a psíquica e que precisa ser alimentada e cultivada, como uma planta que está no meu jardim.

Para nós cristãos a vida espiritual é “vida no Espírito”, este Espírito que acende em nós o amor, a paixão por Jesus Cristo, que nos leva a ter uma intimidade com Ele. A vida no Espírito que supõe uma conversão, deixar o “homem velho” e se revestir pelo “homem novo” (Ef 4, 22-24). Quer dizer, uma mudança de vida para assim nos identificarmos cada vez mais com Cristo: “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20).

A ação litúrgica da Igreja expressa o mistério de nossa fé no Ressuscitado, podendo comungar e estar em comunhão com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

²² D. Estevão Bettencourt, OSB. Curso de Liturgia - Escola "Mater Ecclesiae".

Este encontro, esta celebração litúrgica possui uma espiritualidade, uma mística, especialmente no Domingo, como nos lembra o saudoso papa João Paulo II: “é o dia do Senhor, dia de Cristo, dia da Igreja, dia do Homem e dia dos dias, o principal dia de festa, dia em que a família de Deus se reúne para escutar a Palavra e repartir o Pão consagrado, recordando a Paixão e Ressurreição do Senhor”, onde em casas, capelas, comunidades rurais, catedrais, santuários, metrópoles, periferias, formando um só Corpo e um só Espírito, reunimo-nos como povo de Deus para louvar, agradecer, professar a fé, pedir, agradecer e comprometer-se com a construção do Reino de Deus.

Que a cada liturgia celebrada, possamos buscar este retrato de comunidade que São Lucas nos apresenta nos Atos dos Apóstolos: “Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações”.

Para refletir:

- 1- Sua Espiritualidade Litúrgica é aquela que faz da Liturgia (Eucaristia, Sacramentos e Ofício Divino principalmente) o grande referencial de sua vida como cristão?
- 2- Você se preocupa com sua espiritualidade litúrgica? Você participa frequentemente da catequese litúrgica ou de uma formação adequada em sua Paróquia e/ou Diocese?
- 3- Como você vive o seu Domingo em casal, em família, na Paróquia, etc.?

MESA 8 - A MISSA PARTE POR PARTE²³

A Missa é o culto mais sublime que oferecemos ao Senhor. Nós não vamos à Missa somente para pedir, mas também para louvar, agradecer e adorar a Deus. A desculpa de que rezar em casa é a mesma coisa que ir à Missa é por demais pretensiosa! É querer fazer da reza particular algo melhor do que a Missa, que é celebrada por toda uma comunidade! Assim, vamos à Missa para ouvir a Palavra do Senhor e saber o que o Pai fala e propõe para a sua família reunida. Não basta ouvir! Devemos pôr em prática a Palavra de Deus e acertarmos nossas vidas (conversão).

O fato de existirem pessoas que frequentam a Missa, mas não praticam a Palavra jamais deve ser motivo de desculpa para nos esquivarmos de ir à Missa; afinal, quem somos nós para julgarmos alguém? Quem deve julgar é Deus! Ao invés de olharmos o que os outros fazem, devemos olhar para o que Cristo faz! É com Ele que devemos nos comparar!

É muito frequente em nossas comunidades uma série de questionamentos ao que acontece durante a celebração eucarística. Qual o significado dos gestos? Por que são realizados deste modo?

A não compreensão dos momentos da missa faz com que não vivenciemos o verdadeiro significado que a ação litúrgica quer expressar. É por esta incompreensão que ficamos inquietos, querendo que a missa acabe logo, perdendo assim o foco de nossa espiritualidade.

8.1- O que é a Missa?

8.1.1- A Missa é ação de graças

A Missa também pode ser chamada de Eucaristia, ou seja, ação de graças. Esta atitude de ação de graças recebe o nome de *berakah* em hebraico, que traduzido para o grego originou três outras palavras: *eulogia*, que se traduz por bendizer; *eucharistia*, que significa gratidão pelo dom recebido de graça; e *exomologia*, que significa reconhecimento ou confissão.

²³ Parte deste conteúdo foi extraída do site da Congregação para o Clero, da Santa Sé. Ver Biblioteca – Liturgia. In: <http://www.clerus.va/content/clerus/pt/biblioteca.html>. Pesquisado em abril de 2015.

Diante da riqueza desses significados podemos nos perguntar: quem dá graças a quem? Ou melhor dizendo, quem dá dons, quem dá bênçãos a quem? Diante dessa pergunta podemos perceber que Deus dá graças a si mesmo, uma vez que sendo uma comunidade perfeita o Pai ama o Filho e se dá por ele e o Filho também se dá ao Pai, e deste amor surge o Espírito Santo. Por sua vez, Deus dá graças ao homem, uma vez que não se poupou nem de se dar a si mesmo por nós e em resposta o homem dá graças a Deus, reconhecendo-se criatura e entregando-se ao amor de Deus. Ora, o homem também dá graças ao homem, através da doação ao próximo a exemplo de Deus. Também o homem dá graças à natureza, respeitando-a e tratando-a como criatura do mesmo Criador. O problema ecológico que atravessamos é, sobretudo, um problema eucarístico. A natureza também dá graças ao homem, se respeitada e amada. A natureza dá graças a Deus estando a serviço de seu criador a todo instante.

A partir desta visão da ação de graças começamos a perceber que a Missa não se reduz apenas a uma cerimônia realizada nas Igrejas, ao contrário, a celebração da Eucaristia é a vivência da ação de Deus em nós, sobretudo através da libertação que Ele nos trouxe em seu Filho Jesus. Cristo é a verdadeira e definitiva libertação e aliança, levando à plenitude a libertação do povo judeu do Egito e a aliança realizada aos pés do monte Sinai.

8.1.2- A Missa é sacrifício

Sacrifício é uma palavra que possui a mesma raiz grega da palavra *sacerdócio*, que do latim temos *sacer-dos*, o dom sagrado. O dom sagrado do homem é a vida, pois esta vem de Deus. Por natureza o homem é um sacerdote. Perdeu esta condição por causa do pecado. Sacrifício, então, significa o que é feito sagrado. O homem torna sua vida sagrada quando reconhece que esta é dom de Deus.

Jesus Cristo faz justamente isso: na condição de homem reconhece-se como criatura e se entrega totalmente ao Pai, não poupando nem sua própria vida. Jesus nesse momento está representando toda a humanidade. Através de sua morte na cruz dá a chance aos homens e às mulheres de novamente orientarem suas vidas ao Pai assumindo assim sua condição de sacerdotes e sacerdotisas.

Com isso queremos tirar aquela visão negativa de que sacrifício é algo que representa a morte e a dor. Estas coisas são necessárias dentro do mistério da salvação, pois só assim o homem pode reconhecer sua fraqueza e sua condição de criatura.

8.1.3- A Missa também é Páscoa

A Páscoa foi a passagem da escravidão do Egito para a liberdade, bem como a aliança selada no monte Sinai entre Deus e o povo hebreu. E diante desses fatos o povo hebreu sempre celebrou essa passagem, através da Páscoa anual, das celebrações da Palavra aos sábados, na sinagoga, e diariamente, antes de levantar-se e deitar-se, reconhecendo a experiência de Deus em suas vidas e louvando a Deus pelas experiências pascais vividas ao longo do dia. O povo judeu vivia em atitude de ação de graças, vivendo a todo instante a Páscoa em suas vidas.

8.2- A divisão da Missa

A Missa está dividida em quatro partes bem distintas:²⁴

➤ **Ritos Iniciais**

Comentário Introdutório à Missa do dia, Canto de Abertura, Acolhida, Antífona de Entrada, Ato Penitencial, Hino de Louvor e Oração Coleta.

➤ **Rito da palavra**

Primeira Leitura, Salmo Responsorial, Segunda Leitura, Aclamação ao Evangelho, Proclamação do Evangelho, Homilia, Profissão de Fé e Oração da Comunidade.

➤ **Rito Sacramental**

1ª Parte - Oferendas: Canto/Procissão das Oferendas, Orai Irmãos e Irmãs, e Oração Sobre as Oferendas;

2ª Parte - Oração Eucarística: Prefácio, Santo, Consagração e Louvor Final;

3ª Parte - Comunhão: Pai Nosso, Abraço da Paz, Cordeiro de Deus, Canto/Distribuição da Comunhão, Interiorização, Antífona da Comunhão e Oração após a Comunhão.

➤ **Ritos Finais**

Mensagem, Comunicados da Comunidade, Canto de Ação de Graças e Bênção Final.

8.2.1- PARTE I - RITOS INICIAIS

Os ritos iniciais ou as partes que precedem a liturgia da palavra, isto é, cântico de entrada, saudação, ato penitencial, Senhor, Glória e oração da coleta, têm o caráter de exórdio, introdução e preparação. Estes ritos têm por finalidade fazer com que os fiéis,

²⁴ Explicações baseadas na Instrução Geral ao Missal Romano (IGMR).

reunindo-se em assembleia, constituam uma comunhão e se disponham para ouvir atentamente a Palavra de Deus e celebrar dignamente a Eucaristia. (IGMR nº 46)

a) Comentário Inicial

Este tem por fim introduzir os fiéis ao mistério celebrado. Sua posição correta seria após a saudação do padre, pois ao nos encontrarmos com uma pessoa primeiro a saudamos para depois iniciarmos qualquer atividade com ela.

b) Canto de Entrada

Reunido o povo, enquanto o sacerdote entra com os ministros, começa o canto de entrada. A finalidade desse canto é abrir a celebração, promover a união da assembleia, introduzir no mistério do tempo litúrgico ou da festa, e acompanhar a procissão do sacerdote e dos ministros. (IGMR nº 47)

Durante o canto de entrada percebemos alguns elementos que compõem o início da Missa:

➤ **O canto**

Durante a Missa, todas as músicas fazem parte de cada momento. Através da música participamos da Missa cantando. A música não é simplesmente acompanhamento ou trilha musical da celebração: a música é também nossa forma de louvamos a Deus. Daí a importância da participação de toda assembleia durante os cantos.

➤ **A procissão**

O povo de Deus é um povo peregrino, que caminha rumo ao coração do Pai. Todas as procissões têm esse sentido: caminho a se percorrer e objetivo a que se quer chegar.

➤ **O beijo no altar**

Durante a Missa, o pão e o vinho são consagrados no altar, ou seja, é no altar que ocorre o mistério eucarístico. O presidente da celebração ao chegar beija o altar, que representa Cristo, em sinal de carinho e reverência por tão sublime lugar.

Por incrível que possa parecer, o local mais importante de uma igreja é o altar, pois ao contrário do que muita gente pensa, as hóstias guardadas no sacrário nunca poderiam estar ali se não houvesse um altar para consagrá-las.

c) Saudação

➤ **Sinal da Cruz**

O presidente da celebração e a assembleia recordam-se por que estão celebrando a Missa. É, sobretudo, pela graça de Deus, em resposta ao seu amor. Nenhum motivo particular deve sobrepor-se à gratuidade. Pelo sinal da cruz nos lembramos que pela cruz de Cristo nos aproximamos da Santíssima Trindade.

➤ **Saudação**

Retirada na sua maioria dos cumprimentos de Paulo, o presidente da celebração e a assembleia se saúdam. O encontro eucarístico é movido unicamente pelo amor de Deus, mas também é encontro com os irmãos.

d) Ato Penitencial

Após saudar a assembleia presente, o sacerdote convida toda assembleia a, em um momento de silêncio, reconhecer-se pecadora e necessitada da misericórdia de Deus. Após o reconhecimento da necessidade da misericórdia divina, o povo a pede em forma de ato de contrição: *Confesso a Deus Todo-Poderoso...* Em forma de diálogo por versículos bíblicos: *Tende compaixão de nós...* Ou em forma de ladainha: *Senhor, que viestes salvar...*

Após, segue-se a absolvição do sacerdote. Tal ato pode ser substituído pela aspersão da água, que nos convida a lembrar-nos o nosso compromisso assumido pelo batismo e através do simbolismo da água pedirmos para sermos purificados.

Cabe aqui dizer, que o “Senhor, tende piedade” não pertence necessariamente ao ato penitencial. Este se dá após a absolvição do padre e é um canto que clama pela piedade de Deus. Daí ser um erro omiti-lo após o ato penitencial quando este é cantando.

e) Hino de Louvor

Espécie de salmo composto pela Igreja, o glória é uma mistura de louvor e súplica, em que a assembleia congregada no Espírito Santo, dirige-se ao Pai e ao Cordeiro. É proclamado nos domingos - exceto os do tempo da quaresma e do advento

- e em celebrações especiais, de caráter mais solene. Pode ser cantado, desde que mantenha a letra original e na íntegra.

f) Oração da Coleta

Encerra o rito de entrada e introduz a assembleia na celebração do dia.

Após o convite do celebrante, todos se conservam em silêncio por alguns instantes, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando interiormente seus pedidos. Depois o sacerdote diz a oração que se costuma chamar de 'coleta', a qual a assembleia dá o seu assentimento com o 'Amém' final. (IGMR nº 54)

Dentro da oração da coleta podemos perceber os seguintes elementos: *invocação, pedido e finalidade.*

8.2.2- PARTE II - O RITO DA PALAVRA

O Rito da Palavra é a segunda parte da Missa, e também a segunda mais importante, ficando atrás, somente do Rito Sacramental, que é o auge de toda celebração.

Iniciamos esta parte sentados, numa posição cômoda que facilita a instrução. Normalmente são feitas três leituras extraídas da Bíblia: em geral um texto do Antigo Testamento, um texto epistolar do Novo Testamento e um texto do Evangelho de Jesus Cristo, respectivamente. Isto, porém, não significa que será sempre assim; às vezes a 1ª leitura cede espaço para um outro texto do Novo Testamento, como o Apocalipse, e a 2ª leitura, para um texto extraído dos Atos dos Apóstolos; é raro acontecer, mas acontece... Fixo mesmo, apenas o Evangelho, que será extraído do livro de Mateus, Marcos, Lucas ou João.

a) Primeira Leitura

Como já dissemos, a primeira leitura costuma a ser extraída do Antigo Testamento. Isto é feito para demonstrar que já o Antigo Testamento previa a vinda de Jesus e que Ele mesmo o cumpriu (cf. Mt 5,17). De fato, não poucas vezes os evangelistas citam passagens do Antigo Testamento, principalmente dos profetas, provando que Jesus era o Messias que estava para vir.

O leitor deve ler o texto com calma e de forma clara. Por esse motivo, não é recomendável escolher os leitores poucos instantes antes do início da Missa,

principalmente pessoas que não têm o costume de frequentar aquela comunidade. Quando isso acontece e o "leitor", na hora da leitura, começa a gaguejar, a cometer erros de leitura e de português, podemos ter a certeza de que, quando ele disser: "Palavra do Senhor", a resposta da comunidade, "Graças a Deus", não se referirá aos frutos rendidos pela leitura, mas sim pelo alívio do término de tamanha catástrofe!

Ora, se a fé vem pelo ouvido, como declara o Apóstolo, certamente o leitor deve ser uma pessoa preparada para exercer esse ministério; assim, é interessante que a Equipe de Celebração seja formada, também, por leitores "profissionais", ou seja, especial e previamente selecionados.

b) Salmo Responsorial

O Salmo Responsorial também é retirado da Bíblia, quase sempre (em 99% dos casos) do livro dos Salmos. Muitas comunidades recitam-no, mas o correto mesmo é cantá-lo. Por isso uma ou outra comunidade possui, além do cantor, um salmista, já que muitas vezes o salmo exige uma certa criatividade e espontaneidade, uma vez que as traduções do hebraico (ou grego) para o português nem sempre conseguem manter a métrica ou a beleza do original.

Assim, quando cantado, acaba lembrando um pouco o canto gregoriano e, em virtude da dificuldade que exige para sua execução, acaba sendo simplesmente - como já dissemos - recitado (perdendo mais ainda sua beleza).

c) Segunda Leitura

Da mesma forma como a primeira leitura tem como costume usar textos do Antigo Testamento, a segunda leitura tem como característica extrair textos do Novo Testamento, das cartas escritas pelos apóstolos (Paulo, Tiago, Pedro, João e Judas), mais notadamente as escritas por São Paulo.

Esta leitura tem, portanto, como objetivo, demonstrar o vivo ensinamento dos Apóstolos dirigido às comunidades cristãs.

A segunda leitura deve ser encerrada de modo idêntico ao da primeira leitura, com o leitor exclamando: "*Palavra do Senhor!*" e a comunidade respondendo com: "*Graças a Deus!*".

d) Canto de Aclamação ao Evangelho

Feito o comentário ao Evangelho, a assembleia a se põe de pé, para aclamar as palavras de Jesus. O Canto de Aclamação tem como característica distintiva a palavra

"Aleluia", um termo hebraico que significa "louvai o Senhor". Na verdade, estamos felizes em poder ouvir as palavras de Jesus e estamos saudando-O como fizeram as multidões quando Ele adentrou Jerusalém no domingo de Ramos.

Percebemos, assim, que o Canto de Aclamação, da mesma forma que o Hino de Louvor, não pode ser cantado sem alegria, sem vida. Seria como se não confiássemos Naquele que dá a vida e que vem até nós para pregar a palavra da Salvação. O Canto deve ser tirado do lecionário, pois se identifica com a leitura do dia, por isso não se pode colocar qualquer música como aclamação, não basta que tenha a palavra aleluia. Comprovando este nosso ponto de vista está o fato de que durante o tempo da Quaresma e do Advento, tempos de preparação para a alegria maior, também a palavra "Aleluia" não aparece no Canto de Aclamação ao Evangelho.

e) Evangelho

Antes de iniciar a leitura do Evangelho, se estiver sendo feito uso de incenso, o sacerdote ou o diácono (depende de quem for ler o texto), incensará a Bíblia e, logo a seguir, iniciará a leitura do texto.

O texto do Evangelho é sempre retirado dos livros canônicos de Mateus, Marcos, Lucas e João, e jamais pode ser omitido. É falta gravíssima não proceder a leitura do Evangelho ou substituí-lo pela leitura de qualquer outro texto, inclusive bíblico.

Ao encerrar a leitura do Evangelho, o sacerdote ou diácono profere a expressão: "*Palavra da Salvação!*" e toda a comunidade glorifica ao Senhor, dizendo: "*Glória a vós, Senhor!*". Neste momento, o sacerdote ou diácono, em sinal de veneração à Palavra de Deus, beija a Bíblia (rezando em silêncio: "*Pelas palavras do santo Evangelho sejam perdoados os nossos pecados*") e todo o povo pode voltar a se sentar.

f) Homilia

A homilia nos recorda o Sermão da Montanha, quando Jesus subiu em um monte localizado na costa norte do mar da Galileia, perto da cidade de Cafarnaum, para ensinar todo o povo reunido. Observe-se que o altar já se encontra, em relação aos bancos onde estão os fiéis, em ponto mais alto, aludindo claramente a esse episódio.

Da mesma forma como Jesus ensinava com autoridade, após sua ascensão, a Igreja recebeu a incumbência de pregar a todos os povos e ensinar-lhes a observar tudo aquilo que Cristo pregou. A autoridade de Cristo foi, portanto, passada à Igreja.

A homilia é o momento em que o sacerdote, como homem de Deus, traz para o presente aquela palavra pregada por Cristo há dois mil anos. Neste momento, devemos dar ouvidos aos ensinamentos do sacerdote, que são os mesmos ensinamentos de Cristo, pois foi o próprio Cristo que disse: *"Quem vos ouve, a mim ouve. Quem vos rejeita, a mim rejeita"* (Lc 10,16). Logo, toda a comunidade deve prestar atenção às palavras do sacerdote.

A homilia é obrigatória aos domingos e nas solenidades da Igreja. Nos demais dias, ela também é recomendável, mas não obrigatória.

g) Profissão de Fé (Credo)

Encerrada a homilia, todos ficam de pé para recitar o Credo. Este nada mais é do que um resumo da fé católica, que nos distingue das demais religiões. É como que um juramento público.

Embora existam outros Credos católicos, expressando uma única e mesma verdade de fé, durante a Missa costuma-se a recitar o Símbolo dos Apóstolos, oriundo do séc. I, ou o Símbolo Niceno-Constantinopolitano, do séc. IV. O primeiro é mais curto, mais simples; o segundo, redigido para eliminar certas heresias a respeito da divindade de Cristo, é mais longo, mais completo. Na prática, usa-se o segundo nas grandes solenidades da Igreja.

h) Oração da Comunidade

A Oração da Comunidade ou Oração dos Fiéis, como também é conhecida, marca o último ato do Rito da Palavra. Nela toda a comunidade apresenta suas súplicas ao Senhor e intercede por todos os homens.

Alguns pedidos não devem ser esquecidos pela comunidade:

- As necessidades da Igreja.
- As autoridades públicas.
- Os doentes, abandonados e desempregados.
- A paz e a salvação do mundo inteiro.
- As necessidades da Comunidade Local

A introdução e o encerramento da Oração da Comunidade devem ser feitas pelo sacerdote. Quando possível, devem ser feitos espontaneamente. As preces podem ser feitas pelo comentarista, mas o ideal é que sejam feitas pela Equipe de Liturgia, ou ainda pelos próprios fiéis. Cada prece deve terminar com expressões como: *"Rezemos ao Senhor"*, entre outras, para que a comunidade possa responder com: *"Senhor, escutai a nossa prece"* ou *"Ouvi-nos, Senhor"*.

Quando o sacerdote conclui a Oração da Comunidade, dizendo, por exemplo: *"Atendei-nos, ó Deus, em vosso amor de Pai, pois vos pedimos em nome de Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso, a assembleia encerra com um: "Amém!"*.

8.2.3- PARTE III - RITO SACRAMENTAL

Na liturgia eucarística atingimos o ponto alto da celebração, quando então a Igreja irá tornar presente o sacrifício que Cristo fez para nossa salvação. Não se trata de outro sacrifício, mas sim de trazer à nossa realidade a salvação que Deus nos deu. Durante esta parte a Igreja eleva ao Pai, por Cristo, sua oferta e Cristo dá-se como oferta por nós ao Pai, trazendo-nos graças e bênçãos para nossas vidas.

É durante a liturgia eucarística que podemos entender a Missa como uma ceia, pois afinal de contas nela podemos enxergar todos os elementos que compõem uma: temos a mesa - mais propriamente a mesa da Palavra e a mesa do pão. Temos o pão e o vinho, ou seja, o alimento sólido e líquido presentes em qualquer ceia. Tudo conforme o espírito da ceia pascal judaica, em que Cristo instituiu a eucaristia.

Eucaristia no início da Igreja era celebrada em uma ceia fraterna. Porém foram ocorrendo alguns abusos, como Paulo os sinaliza na Primeira Carta aos Coríntios. Aos poucos foi sendo inserida a celebração da palavra de Deus antes da ceia fraterna e da consagração. Já no século II a liturgia da Missa apresentava o esquema que possui hoje em dia.

Após essa lembrança de que a Missa também é uma ceia, podemos nos questionar sobre o sentido de uma ceia, desde o cafezinho oferecido ao visitante até o mais requintado jantar diplomático. Uma ceia significa, entre outros: festa, encontro, união, amor, comunhão, comemoração, homenagem, amizade, presença, confraternização, diálogo, ou seja, vida. Aplicando esses aspectos à Missa,

entenderemos o seu significado, principalmente quando vemos que é o próprio Deus que se dá em alimento. Vemos que a Missa também é um convívio no Senhor.

A liturgia eucarística divide-se em: apresentação das oferendas, oração eucarística e rito da comunhão.

a) Apresentação das Oferendas

Apesar de conhecida como ofertório, esta parte da Missa é apenas uma apresentação dos dons que serão ofertados junto com o Cristo durante a consagração. Devido ao fato de maioria das Missas essa parte ser cantada não podemos ver o que acontece durante esse momento. Conhecendo esses aspectos poderemos dar mais sentido à celebração.

Analisemos inicialmente os elementos do ofertório: o pão o vinho e a água. O que significam? De fato foram os elementos utilizados por Cristo na última ceia, mas eles possuem todo um significado especial:

- O pão e o vinho representam a vida do homem, o que ele é, uma vez que ninguém vive sem comer nem beber;
- Representam também o que o homem faz, pois ninguém vai à roça colher pão nem na fonte buscar vinho;
- Em Cristo o pão e o vinho adquirem um novo significado, tornando-se o Corpo e o Sangue de Cristo. Como podemos ver, o que o homem é, e o que o homem faz adquirem um novo sentido em Jesus Cristo.

E a água? Durante a apresentação das oferendas, o sacerdote mergulha algumas gotas de água no vinho. E o porquê disso? Sabemos que no tempo de Jesus os judeus bebiam vinho diluído em um pouco de água, e certamente Cristo também devia fazê-lo, pois era verdadeiramente homem. Por outro lado, a água quando misturada ao vinho adquire a cor e o sabor deste. Ora, as gotas de água representam a humanidade que se transforma quando diluída em Cristo.

Os tempos da preparação das oferendas:

- Preparação do altar

“Em primeiro lugar prepara-se o altar ou a mesa do Senhor, que é o centro de toda liturgia eucarística, colocando-se nele o corporal, o purificatório, o cálice e o Missal, a não ser que se prepare na credência”. (IGMR 49)

- Procissão das oferendas

Neste momento, trazem-se os dons em forma de procissão. Lembrando que o pão e o vinho representam o que é o homem e o que ele faz, esta procissão deve revestir-se do sentimento de doação, ao invés de ser apenas uma entrega da água e do vinho ao sacerdote.

➤ Apresentação das oferendas a Deus

O sacerdote apresenta a Deus as oferendas através da fórmula: *Bendito sejas...* e o povo aclama: *Bendito seja Deus para sempre!* Este momento passa despercebido da maioria das pessoas devido ao canto do ofertório. O ideal seria que todo o povo participasse desse momento, sendo o canto usado apenas durante a procissão e a coleta fosse feita sem as pessoas saírem de seus locais. O canto não é proibido, mas deve procurar durar exatamente o tempo da apresentação das oferendas, para que o sacerdote não fique esperando para dar prosseguimento à celebração.

➤ A coleta do ofertório

Já nas sinagogas hebraicas, após a celebração da Palavra de Deus, as pessoas costumavam deixar alguma oferta para auxiliar as pessoas pobres. E de fato, este momento do ofertório só tem sentido se reflete nossa atitude interior de dispormos os nossos dons em favor do próximo. Aqui, o que importa não é a quantidade, mas sim o nosso desejo de assim como Cristo, nos darmos pelo próximo. Representa o nosso desejo de aos poucos, deixarmos de celebrar a eucaristia para nos tornarmos eucaristia.

➤ O lavar as mãos

Após o sacerdote apresentar as oferendas ele lava suas mãos. Antigamente, quando as pessoas traziam os elementos da celebração de suas casas, este gesto tinha caráter utilitário, pois após pegar os produtos do campo era necessário que lavasse as mãos. Hoje em dia este gesto representa a atitude, por parte do sacerdote, de tornar-se puro para celebrar dignamente a eucaristia.

➤ O Oraí Irmãos...

Agora o sacerdote convida toda assembleia a unir suas orações à ação de graças do sacerdote.

➤ Oração sobre as Oferendas

Esta oração coleta os motivos da ação de graças e lança no que segue, ou seja, a oração eucarística. Sempre muito rica, deve ser acompanhada com muita atenção e confirmada com o nosso *amém!*

b) A Oração Eucarística

É na oração eucarística em que atingimos o ponto alto da celebração. Nela, através de Cristo que se dá por nós, mergulhamos no mistério da Santíssima Trindade, mistério da nossa salvação:

A oração eucarística é o centro e ápice de toda celebração, é prece de ação de graças e santificação. O sacerdote convida o povo a elevar os corações ao Senhor na oração e na ação de graças e o associa à prece que dirige a Deus Pai por Jesus Cristo em nome de toda comunidade. O sentido desta oração é que toda a assembleia se una com Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício. (IGMR 78)

➤ Prefácio

Após o diálogo introdutório, o prefácio possui a função de introduzir a assembleia na grande ação de graças que se dá a partir deste ponto. Existem inúmeros prefácios, abordando sobre os mais diversos temas: a vida dos santos, Nossa Senhora, Páscoa etc.

➤ O Santo

É a primeira grande aclamação da assembleia a Deus Pai em Jesus Cristo. O correto é que seja sempre cantado, levando-se em conta a maior fidelidade possível à letra da oração original.

➤ A invocação do Espírito Santo

Através dele Cristo realizou sua ação quando presente na história e a realiza nos tempos atuais. A Igreja nasce do espírito Santo, que transforma o pão e o vinho. A Igreja tem sua força na Eucaristia.

➤ A consagração

Deve ser toda acompanhada por nós. É reprovável o hábito de permanecer-se de cabeça baixa durante esse momento. Reprovável ainda é qualquer tipo de manifestação quando o sacerdote ergue a hóstia, pois este é um momento sublime e de profunda adoração. Nesse momento o mistério do amor do Pai é renovado em nós. Cristo dá-se por nós ao Pai trazendo graças para nossos corações. Daí ser esse um momento de profundo silêncio.

➤ Preces e intercessões

Reconhecendo a ação de Cristo pelo Espírito Santo em nós, a Igreja pede a graça de abrir-se a ela, tornando-se uma só unidade. Pede para que o papa e seus auxiliares

sejam capazes de levar o Espírito Santo a todos. Pede pelos fiéis que já se foram e pede a graça de, a exemplo de Nossa Senhora e dos santos, os fiéis possam chegar ao Reino para todos preparados pelo Pai.

➤ Doxologia Final

É uma espécie de resumo de toda a oração eucarística, em que o sacerdote tendo o Corpo e Sangue de Cristo em suas mãos louva ao Pai e toda assembleia responde com um grande “*amém*”, que confirma tudo aquilo que ela viveu. O sacerdote a diz sozinho.

c) Rito da Comunhão

A oração eucarística representa a dimensão vertical da Missa, em que nos unimos plenamente a Deus em Cristo. Após alcançarmos a comunhão com Deus Pai, o desencadeamento natural dos fatos é o encontro com os irmãos, uma vez que Cristo é único e é tudo em todos. Este é o momento horizontal da Missa. Tem também esse momento o intuito de preparar-nos ao banquete eucarístico.

➤ O Pai-Nosso

É o desfecho natural da oração eucarística. Uma vez que unidos a Cristo e por ele reconciliados com Deus, nada mais oportuno do que dizer: *Pai nosso...* Esta oração deve ser rezada em grande exaltação, se for cantada, deve seguir exatamente as palavras ditas por Cristo, quando as ensinou aos discípulos. Após o Pai Nosso segue o seu *embolismo*, ou seja, a continuação do último pensamento da oração. Segue aqui uma observação: o único local em que não dizemos “*amém*” ao final do Pai Nosso é na Missa, dada a continuidade da oração expressa no embolismo.

➤ Oração pela paz

Uma vez reconciliados em Cristo, pedimos que a paz se estenda a todas as pessoas, presentes ou não, para que possam viver em plenitude o mistério de Cristo. Pede-se também a Paz para a Igreja, para que, desse modo, possa continuar sua missão. Esta oração é rezada somente pelo sacerdote.

➤ O cumprimento da Paz

É um gesto simbólico, uma saudação pascal. Por ser um gesto simbólico não há a necessidade em sair do local para cumprimentar a todos na Igreja. Se todos tivessem em mente o simbolismo expresso nesse momento não seria necessária a dispersão que

o caracteriza na maioria dos casos. Também não é permitido que se cante durante esse momento, uma vez que deveria durar pouco tempo.

➤ O Cordeiro de Deus

O sacerdote e a assembleia se preparam em silêncio para a comunhão. Neste momento o padre mergulha um pedaço do pão no vinho, representando a união de Cristo presente por inteiro nas duas espécies. A seguir todos reconhecem sua pequenez diante de Cristo e como o Centurião exclamam: *Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma só palavra e serei salvo*. Cristo não nos dá apenas sua palavra, mas dá-se por amor a cada um de nós.

➤ A comunhão

Durante esse momento a assembleia dirige-se à mesa eucarística. O canto deve procurar ser um canto de louvor moderado, salientando a doação de Cristo por nós. A comunhão pode ser recebida nas mãos ou na boca, tendo o cuidado de, no primeiro caso, a mão que recebe a hóstia não ser a mesma que a leva a boca. Aqueles que por um motivo ou outro não comungam, por não se encontrarem devidamente preparados (estado de graça santificante) é importante que façam desse momento também um momento de encontro com o Cristo, no que chamamos de Comunhão Espiritual. Após a comunhão segue-se a ação de graças, que pode ser feita em forma de um canto ou pelo silêncio, que dentro da liturgia possui sua linguagem importantíssima. O que não pode é esse momento ser esquecido ou utilizado para conversar com quem está ao nosso lado.

➤ Oração após a comunhão

Infelizmente criou-se o mau costume em nossas assembleias de se fazer essa oração após os avisos, como uma espécie de convite apressado para se ir embora. Esta oração liga-se ainda a liturgia eucarística, e é o seu fechamento, pedindo a Deus as graças necessárias para se viver no dia-a-dia tudo que se manifestou perante a assembleia durante a celebração.

8.2.4- PARTE IV - RITOS FINAIS

O rito de encerramento da Missa consta fundamentalmente de três elementos: a saudação do sacerdote, a bênção, que em certos dias e ocasiões é enriquecida e expressa pela oração sobre o povo, ou por outra forma mais solene, e a própria

despedida, em que se despede a assembleia, afim de que todos voltem às suas atividades louvando e bendizendo o Senhor com suas boas obras. (IGMR nº 90)

➤ Saudação

Para muitos, este momento é um alívio, está cumprido o preceito dominical. Mas para outros, esta parte é o envio, é o início da transformação do compromisso assumido na Missa em gestos e atitudes concretas. Ouvimos a Palavra de Deus e a aceitamos em nossas vidas. Revivemos a Páscoa de Cristo, assumindo também nós esta passagem da morte para a vida e unimo-nos ao sacrifício de Cristo ao reconhecer nossa vida como dom de Deus e orientando-a em sua direção.

➤ Avisos

Sem demais delongas, este momento é o oportuno para dar-se avisos à comunidade, bem como para as últimas orientações do presidente da celebração.

➤ Bênção Final

Após, segue-se a bênção do sacerdote e a despedida. Para alguns liturgistas, esse momento é um momento de envio, pois o sacerdote abençoa os fiéis para que estes saiam pelo mundo louvando a Deus com palavras e gestos, contribuindo assim para sua transformação. Vejamos o porquê disso.

➤ Despedida

Passando a despedida para o latim ela soa da seguinte forma: *“Ite, Missa est”*. Traduzindo-se para o português, soa algo como *“Ide, tendes uma bênção e uma missão a cumprir”*, pois em latim, *Missa* significa missão ou demissão, como também pode significar bênção. Nesse sentido, eucaristia significa bênção, o que não deixa de ser uma realidade, já que através da doação de seu Filho, Deus abençoa toda a humanidade. De posse desta boa-graça dada pelo Pai, os cristãos são reenviados ao mundo para que se tornem eucaristia, fonte de bênçãos para o próximo. Desse modo a Missa reassume todo seu significado.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA E CITADA

- ALDAZÁBEL, José. **Vocabulário Básico de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1ª edição, 2013.
- ALMEIDA, João Carlos. **Curso de Liturgia**. São Paulo: Edições Loyola, 9ª edição, 2012.
- AUGÉ, Matias. **Liturgia: história, celebração, teologia e espiritualidade**. São Paulo; Ave-Maria, 1996.
- BECKHÄUSER, Alberto. **Os fundamentos da Sagrada Liturgia**. Coleção “Iniciação à Teologia”. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BECKHÄUSER, Alberto. **Sacrosanctum Concilium: texto e comentário**. Coleção Revisitar o Concílio. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, sobre a **Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja**. São Paulo: Edições Paulinas, 6ª edição, 2011.
- BOGAZ, Antônio & HANSEN, João. **Reforma Litúrgica: renovação ou revolução?** Coleção Liturgia e Teologia, São Paulo: Paulus, 2012.
- BOROPIO, Dionísio. **A Dimensão Estética da Liturgia: arte sagrada e espaços para celebração**. São Paulo: Paulus, 2010.
- BOSELI, Goffredo. **O Sentido Espiritual da Liturgia**. Brasília: Edições CNBB, Coleção Vida e Liturgia da Igreja, 1ª edição, 2014.
- CELAM. **Manual de Liturgia I: A celebração do Mistério Pascal - introdução à celebração litúrgica**. São Paulo: Paulus, 2ª edição, 2011.
- CELAM. **Manual de Liturgia II: A celebração do Mistério Pascal – fundamentos teológicos e elementos constitutivos**. São Paulo: Paulus, 2ª edição, 2011.
- CELAM. **Manual de Liturgia III: A celebração do Mistério Pascal – os sacramentos: sinais do mistério pascal**. São Paulo: Paulus, 2ª edição, 2011.
- CELAM. **Manual de Liturgia IV: A celebração do Mistério Pascal – outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2ª edição, 2011.
- CHUPUNGCO, Anscar J. **Inculturação Litúrgica: sacramentais, religiosidade e catequese**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CNBB. “Princípios da Música Litúrgica”. In: <http://www.cnbb.org.br/comissoes-episcopais-1/liturgia-1>. Pesquisado e acessado em abril de 2015.

- CNBB. **ANIMAÇÃO DA VIDA LITÚRGICA NO BRASIL:** Elementos da Pastoral Litúrgica. Documentos da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), nº 43. São Paulo: Edições Paulinas, 2010.
- CNBB. **Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade (Sal da terra e Luz do Mundo).** Estudos da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), nº 107. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- CNBB. **Deixe a Flor Desabrochar: Elementos de Pastoral Litúrgica.** 1ª Edição, Brasília: Edições CNBB, 2013.
- CNBB. **Discípulos e Servidores da Palavra de Deus na Missão da Igreja.** Documento nº 97, Brasília: Edições CNBB, 2012.
- CNBB. **Guia Litúrgico-Pastoral.** 2ª Edição Revisada e ampliada. Brasília: Edições CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), 2014.
- CNBB. **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário: texto oficial.** Brasília: Edições CNBB, 5ª edição, 2013.
- FLORES, Juan Javier. **Introdução à Teologia Litúrgica.** São Paulo: Edições Paulinas, 2006.
- JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* sobre a Eucaristia na sua Relação com a Igreja.** São Paulo: Edições Paulinas, 15ª edição, 2012.
- LELO, Antonio F. (org.). **Eucaristia: teologia e celebração – Documentos pontifícios, ecumênicos e da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) 1963-2005.** São Paulo: Paulinas, 2006.
- MARSILI, Salvatore. **Sinais do Mistério de Cristo: teologia litúrgica dos Sacramentos, Espiritualidade e Ano Litúrgico.** São Paulo: Edições Paulinas, 2012.
- MELO, José R. **A Missa e suas Partes: para celebrar e viver a Eucaristia.** São Paulo: Edições Paulinas, 2011.
- PAULO VI. **CONSTITUIÇÃO SACROSANCTUM CONCILIUM sobre a Sagrada Liturgia.** São Paulo: Edições Paulinas, 11ª edição, 2013.
- SANTA SÉ. **A Eucaristia: Fonte e Ápice da Vida e da Missão da Igreja: Instrumentum Laboris.** Sínodo dos Bispos, XI Assembleia Geral Ordinária, São Paulo: Edições Paulinas, 2005.

- SANTA SÉ. **A Liturgia Romana e a Inculturação**. IV Instrução para uma correta aplicação da Constituição Conciliar sobre a Liturgia. Congregação para o Culto Divino, São Paulo: Paulinas, 1994.
- SANTA SÉ. **CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edições Loyola; São Paulo: Paulinas; São Paulo: Ave Maria, 1993.
- SILVA, Adriano R. & CARVALHO, Márcio. **A Reforma Litúrgica de Bento XVI: passo-a-passo para a comunidade**. Juiz de Fora, MG: Martyria, 2013.
- URBAN, Albert & BEXTEN, Marion. **Pequeno Dicionário de Liturgia**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2013.
- VAGAGGINI, Cipriano. **O Sentido Teológico da Liturgia**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.